



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Roseane Souza de Mendonça

**A ORGANIZAÇÃO DOCUMENTAL DAS FOTOGRAFIAS DO CAV-UFPE E SUA
CONTRIBUIÇÃO PARA A MEMÓRIA INSTITUCIONAL**

RECIFE

2015

ROSEANE SOUZA DE MENDONÇA

**A ORGANIZAÇÃO DOCUMENTAL DAS FOTOGRAFIAS DO CAV-UFPE E SUA
CONTRIBUIÇÃO PARA A MEMÓRIA INSTITUCIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para obter o título de Mestre.

Área de Concentração: Informação, Memória e Tecnologia.

Linha de Pesquisa: Memória da Informação Científica e Tecnológica.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Assis Pinho.

RECIFE

2015

Catálogo na fonte

Bibliotecária Maria Valéria Baltar de Abreu Vasconcelos, CRB4-439

M539o Mendonça, Roseane Souza de

A organização documental das fotografias do CAV-UFPE e sua contribuição para a memória institucional / Roseane Souza de Mendonça. – Recife: O Autor, 2015.

99 f.: il.

Orientador: Fábio Assis Pinho.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Ciência da Informação, 2015.

Inclui referências, glossário, apêndice e anexo.

1. Ciência da informação. 2. Memória. 3. Fotografia. 4. Universidades e faculdades públicas - Vitória de Santo Antão (PE). 5. Organização da informação. I. Pinho, Fábio Assis (Orientador). II. Título.

020 CDD (22.ed.)

UFPE (CAC 2015-212)



Serviço Público Federal
Universidade Federal de Pernambuco
Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação - PPGCI

ROSEANE SOUZA DE MENDONÇA

*A organização documental das fotografias do CAV-UFPE e sua
contribuição para a memória institucional*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Ciência da Informação.

Aprovada em: 25/02/2015

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fabio Assis Pinho (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Fábio Mascarenhas e Silva (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Eduardo Ismael Murguía Maraño (Examinador Externo)
Universidade Federal Fluminense



Aos meus pequenos: Leticia, Heitor, Cayo,
Heloísa, Helena, Rodriguinho e Maria Clara.

AGRADECIMENTOS

Nessa grande aventura que é o Mestrado, nesse caminho de risos e lágrimas, aprendi muito do ponto de vista intelectual, mas com toda certeza aprendi muito sobre gente, sobre emoções, sobre conquistas e perdas, sobre viver ou sobreviver. Mas, aprendi, sobretudo, a firmar ainda mais minha fé. Por isso, hoje e sempre, agradeço a Deus por sua infinita bondade, por seu amor incondicional, por conduzir-me acertadamente, por todas as experiências vividas e pelo aprendizado constante.

A minha família por ser a **MINHA família**, eu os amo.

Ao meu orientador Fábio Pinho por me resgatar literalmente e conduzir sua orientação com profissionalismo, ética e humanidade.

Aos professores Fábio Mascarenhas, Eduardo Murguia, Maria de Lourdes Lima, Leilah Bufrem e Maria Cristina pela disponibilidade e contribuição.

A Giane Paz, pelo incentivo, pela sabedoria, pelas atitudes de bondade, carinho, fé, tolerância e por ser um ser de luz, meu muito obrigada!!!

As minhas eternas amigas/irmãs Cecília Isabel e Ana Cláudia Valença que nunca soltaram a minha mão e com quem eu caminho junto, apesar da distância física, desde muito tempo. Amo vocês!

A Maria Luciana, irmã do coração, que enche o meu olhar com a poesia de suas fotografias, que sempre foi um grande apoio e incentivo até os últimos minutos, obrigada por tudo!

As amigas Mary e Fatinha pela força, pelo carinho, pela compreensão, pelo ombro amigo de todas as horas e por aceitar-me como sou.

A Willian Melo, meu querido amigo, meu crítico favorito, meu apoio, obrigada pelo carinho, por sua lucidez e corretas intervenções.

Aos “meninos e menina de ouro” do Mestrado, que estão em meu coração: Márcio Henrique, Natanael Sobral, Guilherme Alves e Maria Falcão.

A Alexandre Carlos (Xande), o sobrinho do coração, que nem imagina o quanto me ensinou com seu exemplo de disciplina, obstinação, humildade e parcimônia.

A José Rosa, um amigo sempre prestativo e essencialmente do bem.

A Eliabe Bernardo que foi o socorro imediato nas questões de informática, mas, sobretudo por sua paz inabalável.

A todos os que fazem o PPGCI-UFPE.

Ao Centro Acadêmico de Vitória, especialmente nas pessoas de Francisco (Escolaridade), Patrícia (Secretaria), Raquel (limpeza) e tantos outros.

Aos que fazem a família BIB-CAV, em especial a Ana Lúcia pela ajuda imediata em todas as vezes que foi solicitada e por sua inquebrantável calma.

Aos amigos de perto, de longe, de bem pertinho, de muito longe, presenciais, virtuais, enfim, a todos que torceram, acreditaram e incentivaram durante toda a minha jornada.

Neste momento, um ciclo se encerra!!!

“O tempo flui, sem compaixão. Como um dilúvio, vai levando tudo em seu caminho. A fotografia é um porto seguro, um alívio. É um recorte que espelha o que somos, as experiências que temos. Nos faz refletir e nesta reflexão aumenta o volume de nossas ideias e a vida fica melhor.”

Claudio Edinger

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa exploratória, de procedimento documental, com revisão de literatura que está inserida na temática que norteia as dimensões teórico-conceituais da Organização da Informação e do Conhecimento. Objetiva-se, em âmbito geral, propor estratégias de organização do acervo fotográfico digital do Centro Acadêmico de Vitória de Santo Antão (CAV), para fins de construção de uma possível memória institucional. Em termos específicos, selecionar as fotos digitais; sugerir categorias temáticas para a organização do referido acervo e propor uma catalogação, para tanto, o estudo delinea-se em sete Seções inclusa a Introdução. Do ponto de vista metodológico no que tange a reunião das imagens fotográficas trabalhou-se o acervo da autora constituído de 2010-2014, na catalogação se faz uso de alguns campos do MARC 21 acrescentando-se o campo de comentários, o armazenamento é formalizado no *DSpace* e a criação de categorias pautada pela Análise Documental (AD). Concluiu-se que os comentários, que incidem na narrativa de outrem, abrem novas possibilidades na Organização do Conhecimento (OC) visando o fazer memorial, e que é necessária certa flexibilização nos Sistemas de Informação para abraçar os processos interpretativos.

Palavras-chave: Memória Institucional. Fotografia digital. Narrativa. Centro Acadêmico de Vitória de Santo Antão. Universidade Federal de Pernambuco.

ABSTRACT

It is an exploratory research, document procedure, with literature review that is inserted into the theme that guides the theoretical and conceptual dimensions of the Information and Knowledge Organization. The purpose is generally level, propose organizing strategies of digital photographic collection of the Academic Center of St. Anthony of Victoria (CAV), for building purposes of a possible institutional memory. Specifically, select digital photos; suggest themes for the collection of said organization and propose a cataloging, therefore, the study outlines into seven sections included introduction. From a methodological point of view regarding the meeting of photography worked up the author's collection consists of 2010-2014, cataloging is done using some of the MARC 21 fields adding the comments field, storage is formalized in DSpace and creating categories guided by Document Analysis (DA). It was concluded that the comments, which focus on someone else's account, open new possibilities in the Knowledge Organization (OC) in order to make the memorial, which is needed certain flexibility in information systems to embrace the interpretative processes.

Keywords: Institutional Memory; Digital photography; Narrative; Vitoria Academic Center of Santo Antao; Federal University of Pernambuco.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 – Mapa de Pernambuco	22
Figura 2 - Organograma CAV-UFPE	25
Figura 3 - Teoria do Conceito	35
Figura 4 – Cronologia dos inventos na Fotografia	44
Figura 5 - Tela pesquisa FUNDAJ	51
Figura 6 – Tela pesquisa BN	52
Figura 7 – Tela pesquisa BN-MARC	52
Figura 8 – Tela pesquisa BCZM	53
Figura 9 - Tela pesquisa LC	54
Figura 10 – Tela pesquisa LC-MARC	54
Figura 11 - Elementos do <i>Dublin Core</i>	90

FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Cidade de Vitória de Santo Antão/PE	21
Fotografia 2 – Prédio principal do CAV-UFPE	23
Fotografia 3 - Terreno doado para o Campus II e Engenho Bento Velho ..	26

QUADROS

Quadro 1 – Noção de Documento	38
Quadro 2 – Quantitativo de fotografias	69
Quadro 3 – Detalhamento das fotografias	70
Quadro 4 - Categorias	72

LISTA DE SIGLAS

AACR2	Anglo-American Cataloguing Rules 2
AC	Análise de Conteúdo
AD	Análise Documental
BIB-CAV	Biblioteca Setorial do Centro Acadêmico de Vitória de Santo Antão
BN	Biblioteca Nacional
BCZM	Biblioteca Central Zila Mamede
CAV	Centro Acadêmico de Vitória de Santo Antão
CI	Ciência da Informação
<i>DSpace</i>	Sistema para Construção de Repositórios Institucionais Digitais
EaD	Educação à Distância
FUNDAJ	Fundação Joaquim Nabuco
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IFES	Instituições Federais de Ensino Superior
IFPE	Instituto Federal de Pernambuco – Campus Vitória
LC	Library of Congress
LD	Linguagem Documentária
LN	Linguagem Natural
MEC	Ministério da Educação
OC	Organização do Conhecimento
REUNI	Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
RI	Repositório Institucional
SIB-UFPE	Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Pernambuco
SIGA	Sistema de Informações e Gestão Acadêmica
SOC	Sistemas de Organização do Conhecimento
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFRPE	Universidade Federal Rural de Pernambuco
UR	Universidade do Recife

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 MORAR NO INTERIOR DO MEU INTERIOR: um olhar sobre a interiorização do Ensino Superior	18
2.1 <i>A cidade de Vitória de Santo Antão/PE</i>	20
2.2 <i>O Centro Acadêmico de Vitória de Santo Antão (CAV)</i>	23
3 A ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO	27
4 A FOTOGRAFIA COMO INSTRUMENTO DE MEMÓRIA	41
5 MEMÓRIA INSTITUCIONAL: uma construção coletiva	56
6 MÉTODO	67
6.1 <i>Caracterização da Pesquisa</i>	67
6.2 <i>Proposta de Organização do Acervo</i>	73
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS	81
GLOSSÁRIO	90
APÊNDICE	93
ANEXO	95

1 INTRODUÇÃO

A crise no ensino superior do Brasil se acentuou a partir dos anos 1990 provocando o início de sérias discussões para a criação de um plano de ação visando à reestruturação, o desenvolvimento e a democratização das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES). Isso favoreceu a interiorização do ensino no estado de Pernambuco e possibilitou a criação dos campi de Caruaru, Vitória de Santo Antão, Garanhuns, Serra Talhada e Petrolina.

A chegada da Universidade pública ao interior pernambucano criou expectativas no sentido de se verem reduzidas as desigualdades sociais, bem como uma alavancada na dinâmica da econômica local. Como uma instituição social, a universidade é detentora da produção intelectual produzida por ela e a seu respeito, que precisa ser preservada, pois se constitui em patrimônio da sociedade. Esse movimento de preservação inclui a Memória Institucional que deve servir para atestar as transformações, recriar a história e prestar contas do investimento realizado para uma educação pública de qualidade.

Informação, Fotografia, Narrativa e Memória são os alicerces dessa pesquisa, acredita-se que o estudo desses elementos pode contribuir para o processo do que deve se tornar memorável em âmbito institucional, a partir da apreensão do conhecimento produzido e sua organização e disponibilização para a sociedade.

A Ciência da Informação (CI) por se constituir no campo das ciências modernas que busca entender o fenômeno informação possui caráter transdisciplinar, e se encontra sob a égide de vários olhares, o que incide em um caminho de mão dupla: dificulta especificar seu objeto de estudo (a informação), mas permite transitar por diferentes áreas do conhecimento e inserir contribuições das mais diversas ordens, uma vez que a informação é a base do conhecimento humano. Essa informação que está no cerne da sociedade atuando em todos os setores (econômico, social, cultural, científico etc.), constituindo-se em um bem público que se transforma em conhecimento.

O conhecimento aqui defendido é aquele efetivado pela permanente troca e circulação de informação, ele é fruto de um sistema de habilidades interconectadas, que Gardner (1994) chamou de “inteligências”. O estudo do conhecimento remonta aos filósofos gregos que o entenderam como fundamental para a compreensão da

própria razão humana. (CHAUÍ, 2009). O processo de aquisição do conhecimento é reflexo das percepções sensoriais que induzem às reflexões, que passam a ser registradas num documento escrito ou em meio digital, e se tornam acessíveis aos indivíduos que internalizam o conhecimento de coisas e eventos. A informação, ao se transformar em conhecimento, é solidificada na mente como forma de distinção entre razão e emoção. Como se pode entender, o conhecimento exige mais do que apenas obter uma informação ou um dado, é necessário estabelecer correlações.

De natureza plurissignificativa e subjetiva, a informação tem seu conceito geralmente atrelado ao seu uso. Neste estudo se compactua com Le Coadic (2004, p.4) ao se centralizar no conceito de informação que está relacionado com a cognição e a comunicação humana, definindo a informação como “um conhecimento inscrito (registrado) em forma escrita (impressa ou digital), oral ou audiovisual, em um suporte”, sem deixar de acreditar que esta informação deve ser elo entre o produto e o processo de reflexão. (CARDOSO, 1994).

Vale ressaltar que não se trata apenas de se deter no significado do termo informação, mas, como este se relaciona a outros termos como documentos, textos e conhecimento (CAPURRO; HJORLAND, 2007), compreendendo que é um processo de produção de sentido, que envolve, dentre outras coisas, comunicação e concepção de mundo.

No que concerne à comunicação humana e seu processo, tem-se a linguagem como intermediadora entre os seres e o mundo, relacionando-os. As linguagens oral, verbal ou visual são processos de representação utilizados pelo ser humano que estabelecem uma comunicação consistente e eficaz, seja no âmbito social ou organizacional. A comunicação possibilita ao homem conhecer, apreender, difundir e adquirir conhecimento; ela vem sofrendo transformações em virtude das mudanças advindas da modernização da vida, sendo boa parte dessas modificações consequência das inovações tecnológicas, inovações estas que modificam o poder narrativo, o uso da fotografia e a concepção de memória.

Nesse processo de comunicação se encontra a narrativa, que é uma atividade humana de uso da linguagem. Ela mostra, por diferentes maneiras, como o ser humano experencia o mundo. Não consiste em simples relato, em contar uma história, ela está permeada de um sentido social e histórico e tem uma relação com o tempo e o espaço, sendo também uma forma de identidade, de pertencimento.

Seu sentido histórico aproxima da memória, que para se diferenciar da história foi, definida por Platão como um bloco de cera onde as impressões ficam gravadas, bastando evocá-las quando necessário; que Pollak (1992) considerou intercambiável entre o individual e o coletivo, caracterizando-se pela seletividade; tratando-se assim, do que Holanda (2012) chama de multiplicidade e permanência, denominando-a simultaneamente individual e pública nesse mundo digital.

Estabelecendo semelhanças, pode-se pensar que a memória é um grande armazém, dotado de ferramentas e insumos para a construção e manutenção de uma edificação. Esse espaço é construído e desconstruído permanentemente e nele habitam seres vivos. O ser organizacional é antes de tudo um ser social que está carregado de conceitos, pré-conceitos, vivências e lembranças. Esse panorama está diretamente ligado à maneira como esse ser adquire, assimila, retém, exclui e utiliza a informação. A memória é **basicamente** isso: informação que transita, que fica retida, que é excluída e/ou armazenada; em termos mais complexos ela está envolvida em questões cognitivas, fisiológicas, sociológicas, pessoais, políticas e institucionais. Muito do que se internaliza como memória é fruto da narrativa que faz parte da linguagem humana e se constitui em meio de comunicação desde os primórdios, e assim se compõe essa pesquisa: da reunião entre imagem e palavra se articula uma memória institucional e coletiva, e um repensar a respeito da configuração da representação do conhecimento em Sistemas de Informação universitários.

Vale ressaltar, que, ao discorrer sobre memória, convive-se com as abordagens filosóficas, psicológicas e históricas, dentre outras. Isso ocorre como resultado da demanda de conhecimento da sociedade, que sempre buscou salvaguardar sua história desde tempos remotos, a princípio de forma oral, atualmente no ciberespaço, onde a matéria-prima mais importante sempre foi e continua sendo a informação.

Nesse sentido, parte-se para um desafio de um novo olhar sobre os elementos documentais da Organização do Conhecimento (OC) a fim de (re)construir a memória, que traz aspectos da lembrança, que ratifica informações, que ressignifica momentos e narra a existência que se deu em um determinado tempo. Intenta-se uma reflexão sobre a inserção da narrativa no fazer memorial sob os olhos da CI, dando vazão ao desafio que Capurro e Hjørland (2007, p.194)

evidenciam quanto à “[...] CI ser mais receptiva aos impactos sociais e culturais dos processos interpretativos e, também, às diferenças qualitativas entre diferentes contextos e mídias.”

A representação da informação e do conhecimento, na atualidade, está em um universo multifacetado, regido por tecnologias da informação e comunicação, onde é preciso encontrar novos sentidos e novas práticas diante da larga escala de produção e disseminação da informação. Nesse cenário se encontram as bibliotecas, arquivos, museus e outros tipos de instituições de memória, bem como os profissionais da informação, que precisam atualizar técnicas para contribuir com a criação de Sistemas de Informação eficazes e eficientes. Isso perpassa por um sistema bem estruturado, que permite a inclusão de qualquer tipo de documento (oral, escrito, visual etc.) e possibilite o acesso e a recuperação da informação de forma a satisfazer seus usuários. Também se faz necessária a aquisição de novos conhecimentos, não apenas sobre lidar com tecnologias, mas sobre a própria informação em si.

No campo da representação descritiva também está a fotografia, sua rápida propagação tem suscitado questionamentos e estudos sobre seus usos e funções. Historicamente a fotografia transitou na sociedade como representação do ser humano no mundo, desde os retratos do século XIX para fins científicos. Contudo, seu panorama tem mudado com o tempo e ela passou por consideráveis transformações: de ilustração em livros ao estudo como meio comunicacional e transformador na sociedade imagética do século XXI.

Nessas circunstâncias a presente pesquisa está incluída na temática que norteia as dimensões teórico-conceituais da Organização da Informação e do Conhecimento. O objeto de estudo é a organização da informação como meio para a composição de uma possível Memória Institucional do Centro Acadêmico de Vitória de Santo Antão (CAV), partindo-se da hipótese de que a fotografia e a narrativa são elementos constituintes da memória individual e coletiva. Propõe-se colaborar para a preservação da memória enfatizando a narrativa e o valor documental das fotografias, logo, busca-se responder ao seguinte questionamento:

Como a organização do acervo fotográfico digital do CAV pode contribuir para a preservação da Memória Institucional do próprio Centro?

Está inserida numa vertente da CI que se fundamenta numa concepção de informação como processo de construção do conhecimento, apoiada na cultura e nas práticas sociais, mantendo diálogo com diversas áreas do conhecimento por sua característica transdisciplinar.

É inegável que o visual tem assumido papel de destaque na sociedade. A difusão da fotografia em larga escala faz a humanidade viver hoje as mais diversas experiências por meio da imagem. Nesse contexto, objetivou-se em âmbito geral, propor estratégias de organização do acervo fotográfico digital do CAV para fins de construção da memória institucional. Em termos específicos, buscou-se selecionar as fotos digitais; sugerir categorias temáticas para a organização do referido acervo e propor a catalogação a ser utilizada para um fazer memorial.

É importante salientar que a pesquisa é um primeiro passo para sensibilizar quanto a importância da imagem fotográfica “para a” ou “na” construção de uma Memória Institucional, ela não reflete procedimentos já consolidados pela Instituição em estudo, uma vez que o *Dspace* e o Repositório Institucional da UFPE estão em discussões e gradativamente veem alcançando espaço na comunidade acadêmica. Portanto, a proposta de organização aqui sugerida reflete a experiência da autora como Bibliotecária, servidora da UFPE e Fotógrafa.

Esta dissertação se constitui de sete seções seguintes a esta Introdução. Na seção 2 é possível vislumbrar o âmbito de atuação da pesquisa ao ter conhecimento da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), da cidade de Vitória de Santo Antão e do Centro ali instalado com o processo de interiorização do Ensino Público Federal.

Na seção 3 se discorrem sobre os meandros da informação, do conhecimento, da linguagem e da comunicação, no intuito de alicerçar o entendimento da OC, bem como a utilização de suas ferramentas para o melhor tratamento da informação e sua organização para uma efetiva recuperação. Com essa construção se intenta conduzir o caminho para a fotografia enquanto objeto informacional, contribuindo para a Memória Institucional.

Na seção 4 é possível conhecer um pouco da história da fotografia onde é delineada sua trajetória ao longo de dois séculos de existência. São apresentadas as visões dos principais autores do campo da imagem e da CI, até chegar ao seu uso como fonte de informação, configurado no documento fotográfico. Materializada

a informação, o documento fotográfico se torna objeto da OC, passível de descrição e como construtor de Memória, tanto social como Institucional.

Na seção 5 se estabelece uma reflexão sobre o conceito de Memória imbricado à memória individual e coletiva que tem se moldado às mudanças impostas pela era pós-internet, que também está fundamentado na CI subsidiando a OC e alicerçando a Memória Institucional aqui discutida. Utiliza-se uma aproximação entre linguagem e memória, onde a narrativa é utilizada como possível construtora da Memória Institucional do CAV-UFPE por meio das fotografias.

A seção 6 expõe os procedimentos escolhidos, assim como a trajetória percorrida. Inicialmente com o levantamento de dados por se tratar de uma pesquisa exploratória, de procedimento documental, com revisão de literatura. Em seguida, com análise do corpus da pesquisa, que foi o acervo da autora com 1.420 fotografias digitais realizadas no período de 2010 a 2014. A etapa de categorização se baseou na Análise Documental (AD), na tematização e na técnica de observação. A catalogação proposta tomou por referência o formato bibliográfico MARC 21 e os metadados do *17reco17 core* acrescido do campo para os comentários de outrem, e disponibilizados por meio do Repositório Institucional na plataforma *Dspace*.

Na seção 7 são tecidas as Considerações finais.

Nessa perspectiva, espera-se que sirva de fundamento para suscitar uma reflexão acerca da contribuição da representação da informação e do conhecimento na perpetuação da Memória, e que seja um indicativo para futuras pesquisas.

2 MORAR NO INTERIOR DO MEU INTERIOR: um olhar sobre a interiorização do Ensino Superior

A Universidade tem sido o espaço de cultivo e transmissão do saber humano acumulado; ela procede da Academia da Grécia Antiga. A academia original foi uma escola fundada em 387 a.C., próxima a Atenas, pelo filósofo Platão, era formada por uma biblioteca, uma residência e um jardim que teria pertencido a *Academus* – herói ateniense da guerra de Tróia (século XII a.C.), e por isso era chamada de Academia. O surgimento de muitas escolas e da união de algumas como Academia e Liceu, formam a Universidade de Atenas, lugar de importante desenvolvimento intelectual.

É neste espaço do saber que se constitui o campo de atuação desta pesquisa, portanto, nesta Seção se apresenta um pouco da UFPE, da sua chegada ao interior, da cidade de Vitória de Santo Antão e do Centro Acadêmico ali instalado.

A Universidade é um local para o saber que serviu ao novo mundo; do latim *Universitate*, universidade significa universalidade, totalidade, conjunto; corpo, companhia, corporação, comunidade (UNIVERSIDADE, 2013). Historicamente ela vai se transformando e se adequando à nova realidade; contudo, mantém tradicionalmente os traços que a idealizaram, que são comunidade, imunidade e universalidade. Sua herança do mundo 18reco-romano vai aos poucos “assumindo uma forma específica no contexto religioso do Oriente islâmico e do Ocidente cristão.” (WANDERLEY, 1994, p.15).

A princípio foi criada para formar uma elite aristocrática, mas a revolução industrial impôs “exigências de especializações e técnicas que se [ajustassem] à nova divisão social do trabalho” como reflexo do modo de produção capitalista. (WANDERLEY, 1994, p.18). É a partir daí que se busca a integração entre o ensino e a pesquisa na tarefa de se adequar aos processos de desenvolvimento econômico e social conforme as características de cada país. Neste momento, a Universidade deixa de ser o celeiro da burguesia, com intuito de acesso aos postos políticos e burocráticos, e passa a atender às reivindicações de mobilidade social dos filhos da classe média.

É nessa ideia de conjunto e comunidade que nasce a Universidade do Recife (UR), sendo fruto da união das Faculdades de Direito, Medicina e Filosofia, juntamente com as Escolas de Engenharia, Belas Artes, Farmácia e Odontologia.

(BERNARDES; PEREIRA, 2011). A então UR foi instituída pelo Decreto nº 9.388 de 20 de junho 1946 que a declarou criada, sendo uma “instituição de ensino superior, como pessoa jurídica, dotada de autonomia administrativa, financeira, didática e disciplinar, nos termos da legislação federal e do Estatuto, que a [regulamenta].” (BRASIL, 1946). Porém, só após 20 anos é que ela é vinculada ao Ministério da Educação (MEC) tornando-se a UFPE.

Figurando entre uma das melhores Universidades do Brasil, a UFPE tem por missão: “Promover um ambiente adequado ao desenvolvimento de pessoas e à construção de conhecimentos e competências que contribuam para a sustentabilidade da sociedade, através do ensino, pesquisa, extensão e gestão”¹. Assim, ela tem buscado ser referência em educação, o que naturalmente a insere no contexto político, histórico e social de Pernambuco.

Com relevante atuação no ensino (graduação e pós-graduação) e na pesquisa, a UFPE tem também respondido ao pleito da população ampliando sua interação social e respondendo ao desenvolvimento do Estado. Disso decorrem a criação de novos cursos, o aumento das vagas em cursos já existentes, implantação da Educação a distância (EaD), além de manter foco no cenário econômico do Estado oferecendo oportunidades de ensino conforme demanda. Esse crescimento é consequência de dois programas do MEC, que são o de Interiorização do Ensino Superior e o de Apoio a Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni).

O Reuni é fruto das discussões iniciadas com a acentuação da crise no ensino superior do Brasil nos anos 1990 e se constitui em um plano de ação visando à reestruturação, ao desenvolvimento e à democratização das IFES, e é implementado pelo Decreto nº 6.096 de 24 de abril de 2007. Seu objetivo é de ampliar o acesso e permanência no ensino superior, estabelecendo uma meta para dez anos (a partir de 2008) com o intuito de dobrar o número de alunos na graduação. Isso implica na flexibilização de currículos, no combate à evasão, no aumento de vagas, na criação de novos cursos e na contratação de professores e técnicos, tudo isso a fim de diminuir as desigualdades sociais no país.

O programa de Interiorização do Ensino Superior possibilitou ao Estado de Pernambuco contar com a criação dos campi da UFPE nas cidades de Caruaru e

¹Disponível em:<

http://www.ufpe.br/ufpenova/index.php?option=com_content&view=article&id=56&Itemid=260>.

Vitória de Santo Antão, assim como a Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) chegar às cidades de Garanhuns, Serra Talhada e Petrolina.

Almeja-se que, com a chegada da Universidade pública ao interior de Pernambuco, haja redução das desigualdades sociais e uma alavancada na dinâmica econômica local. É aceitável essa expectativa porque é na Universidade federal que o povo quer ver aplicados os investimentos públicos, afinal, é ela que forma a maioria dos quadros profissionais e onde são desenvolvidas pesquisas que beneficiam a indústria, a agricultura e a economia de forma geral.

O novo dialoga constantemente com a tradição. Compreender os desafios de implantação de um campi no interior do Estado, assim como a formação do corpo docente e discente, a construção de prédios, o planejamento e definição de diretrizes para funcionamento são alguns dos modos de contribuir para consolidar a história e construir pouco a pouco uma memória que possa servir de referência a futuras consultas e como testamento de um tempo.

2.1 A cidade de Vitória de Santo Antão/PE

Com uma população contabilizada pelo censo 2010, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)², em 129.974 habitantes e uma estimativa para 2014 de 134.871 habitantes, Vitória de Santo Antão é um município que está localizado na Zona da Mata do Estado de Pernambuco, com uma área territorial de 372,637 km² numa região em franca expansão industrial e econômica.

² Disponível em<:

<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=261640&search=pernambuco|vitoria-de-santo-antao>>.

Fotografia 1 – Cidade de Vitória de Santo Antão/PE



Fonte: A autora

O Distrito de Vitória de Santo Antão foi criado por alvará de 14 de março de 1783 e pela Lei Municipal nº192, de 16 de maio de 1914. Seu povoamento data da primeira metade do século XVII com a chegada do português Diogo Braga, da ilha de Santo Antão, do arquipélago de Cabo Verde, em 1626. Ele se estabeleceu com a família e agregados para se dedicar às atividades agropastoris, quando adquiriu fazendas e construiu sua residência e uma capela, esta consagrada a Santo Antão, padroeiro da ilha e protetor contra roubo de gado. Nas proximidades da capela cresceu um povoado conhecido por cidade do Braga, posteriormente denominado Santo Antão da Mata, designação da primitiva casa de oração e antiga mata ali existente. Em 1645, a nove quilômetros de Santo Antão da Mata, travou-se a batalha do monte das Tabocas, contra os holandeses. Em 1710, por ocasião da Guerra dos Mascates, o povoado foi ameaçado, mas a tropa legalista se negou a combater, apoiando os rebeldes e aprisionando o comandante. Em 1783, foi criado o Distrito com topônimo Vitória de Santo Antão, lembrando o sucesso dos pernambucanos na batalha dos montes das Tabocas, e em 1811, passou à categoria de município.³

³ Disponível em: <
<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=261640&search=||info%EF1ficos:-hist%F3rico>.>

Figura 1 – Mapa de Pernambuco



Fonte: <http://www.guianet.com.br/pe/mapape.gif>

A chegada de grandes indústrias tem sido relevante para o plano econômico nos últimos anos, uma vez que em sua maioria a economia da cidade sempre foi composta por pequenos empreendimentos. Indústrias como a Kraft Foods do Brasil (segunda maior no segmento de alimentos no Mundo), a Sadia (produtos derivados de animais), a Destilaria JB (produtora de álcool e açúcar), ISOESTE (fabricante de telhas térmicas do país), a Companhia Industrial de Vidros, as Tintas Anjo, a empresa alemã MC Balshemie e outras ainda em fase de construção como Elcomma Computadores, Ventisol Ventiladores, Metalfrio Refrigeradores, são algumas que transformaram esse cenário. No comércio local a força é o ramo automobilístico, com vendas de peças de motos, carros e fabricação de trios elétricos para todo o país. A chegada do Vitória Park Shopping mudou consideravelmente o panorama da cidade, ele é o único shopping de Pernambuco com hotel integrado (em fase de construção), conta ainda com 04 salas de cinema e importantes redes de lojas como Marisa, Americanas, Riachuelo, Nagem Informática e outras.

2.2 O Centro Acadêmico de Vitória de Santo Antão (CAV)

O CAV nasceu da determinação do Governo Federal de interiorizar a educação superior pública, constitui-se em um dos campi da UFPE, localizado na cidade de Vitória de Santo Antão, que está a 50 km do Recife. Teve sua inauguração em 21 de agosto de 2006 e segue o Regimento e o Estatuto da UFPE.

As primeiras instalações foram iniciadas em terreno doado pela Prefeitura da cidade, localizado no Alto do Reservatório, que abriga um prédio construído em 1912, onde outrora funcionou a Escola de Economia Doméstica Rural, denominada atualmente Instituto Federal de Educação Tecnológica (IFPE) – Campus Vitória. Na época, a administração municipal por meio da Lei nº446, de 27 de janeiro de 1954, doou o prédio construído em 1912 no sítio Boa Vista (Alto do Reservatório) para a instalação da Escola. Segundo narrativas de alguns pesquisadores locais, o prédio quando foi criado em 1912 funcionava como hospital e recebia as pessoas doentes com peste e outras doenças contagiosas. (ARAGÃO, 1983).

Fotografia 2 – Prédio principal do CAV-UFPE



Fonte: A autora

O Centro começou suas atividades com três cursos, a saber: Ciências Biológicas, Enfermagem e Nutrição, oferecendo respectivamente 60, 35 e 30 vagas. Em 2014, aos oito anos de atividades, o CAV possui em sua estrutura os cursos de

graduação em Ciências Biológicas (Licenciatura), Enfermagem, Nutrição (Bacharelado), Educação Física (Licenciatura e Bacharelado) e Saúde Coletiva, na Pós-graduação são oferecidos os Mestrados em Saúde Humana e Meio Ambiente, e Nutrição, Atividade Física e Plasticidade Fenotípica, também computa o Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família e a Residência Multiprofissional de Interiorização de Atenção à Saúde.

O Centro tem 46 residentes em Interiorização de Atenção à Saúde (em Vitória de Santo Antão e Garanhuns), Nutrição Clínica (no Hospital Barão de Lucena, no Recife), Nutrição (residência profissional no Hospital dos Servidores do Estado de Pernambuco, no Recife, e no Hospital João Murilo de Oliveira, em Vitória de Santo Antão), Enfermagem em Médico/Cirúrgica (nos Hospitais Barão de Lucena e Getúlio Vargas, no Recife) e em Enfermagem em Trauma (no Hospital Getúlio Vargas, no Recife).

Com os recursos oriundos do Reuni foi possível reformar e aumentar a Biblioteca, construir um prédio de três pavimentos, um auditório com capacidade para 146 lugares, também as instalações do Núcleo de Assistência Estudantil e Apoio Psicossocial, com dois consultórios e salas, e uma guarita na entrada do Centro.

O CAV dispõe hoje de 31 laboratórios de diversas áreas, destinados a aulas práticas, pesquisa e extensão. Em 2014, seu quadro funcional contabiliza 138 docentes efetivos, 27 docentes substitutos, 73 técnicos (incluído tanto os de nível médio como superior)⁴ e 1.514 alunos regularmente matriculados.

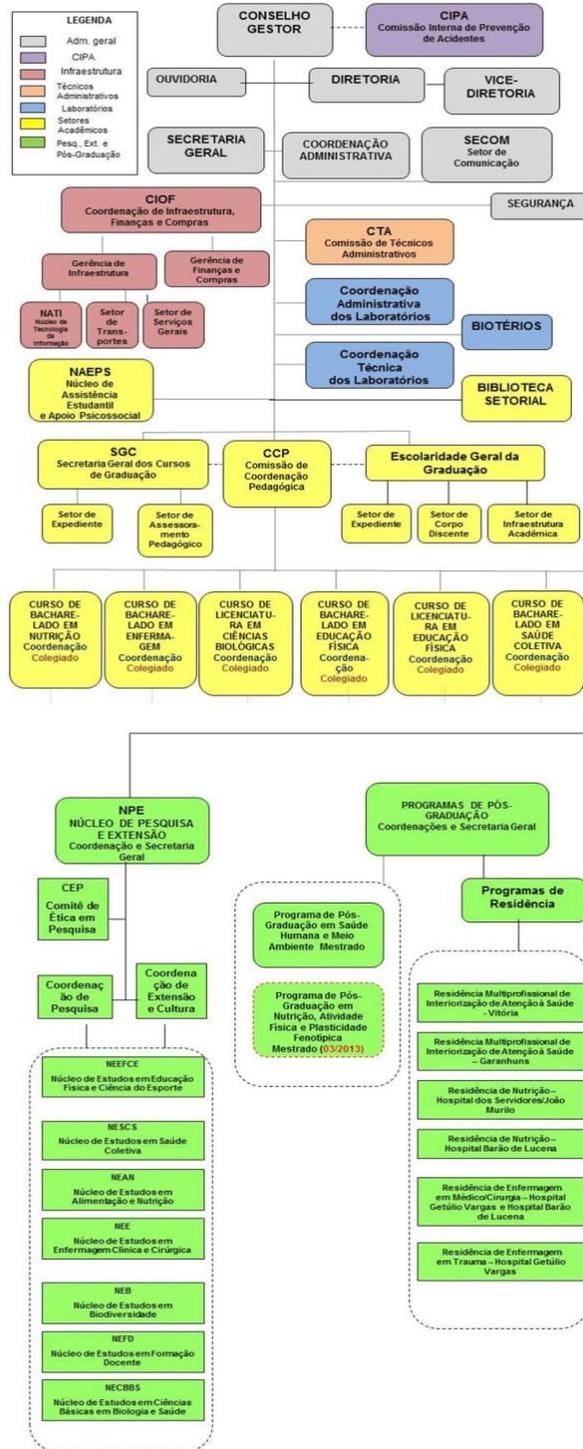
Seu quadro de egressos soma 637, distribuídos da seguinte forma: 194 em Ciências Biológicas (Licenciatura), 248 em Enfermagem, 195 em Nutrição e 04 em Educação Física⁵. Até 2018 serão implantados os cursos de Biblioteconomia, Biomedicina, Ciências Biológicas (Bacharelado), Medicina e Psicologia.

Acredita-se que é muito importante ter o entendimento da Instituição, de sua história, da estrutura e funcionamento, por isso, apresenta-se a seguir o Organograma visando facilitar um melhor entendimento estrutural do CAV:

⁴ Dados obtidos em 30/09/2014 na Secretaria do CAV por meio de acesso ao Sistema de Informações e Gestão Acadêmica (SIGA).

⁵ Dados obtidos em 30/09/2014 na Escolaridade do CAV por meio de acesso ao SIGA.

Figura 2 – Organograma CAV-UFPE



Fonte: Secretaria CAV

A Diretoria do CAV já está de posse da escritura do terreno (ANEXO A), doado pela Prefeitura da cidade, que abrigará o Campus II que será erguido nas

terras do Engenho Bento Velho em um espaço de 82,4 mil metros quadrados. O terreno já está à disposição da Universidade que pretende construir no local uma estrutura com blocos de salas de aulas, Restaurante universitário, Casa do estudante, Laboratórios, piscina, ginásio, pista de atletismo, campo de futebol e muito mais.

Fotografia 3 – Terreno doado para o Campus II e Engenho Bento Velho



Fonte: A autora

Aqui se pode perceber a universidade como agente social transformadora, que deve evoluir em conjunto com a sociedade facilitando e permitindo o acesso ao conhecimento. Conhecimento esse que será melhor entendido na seção seguinte, no âmbito de suas peculiaridades e construção individual e coletiva.

3 A ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

A Organização do Conhecimento (OC), na perspectiva da CI, define-se como área de estudos que engloba as atividades de classificação e indexação. Entendendo que tais atividades são complexas por necessitar que se constitua uma representação do conhecimento, que inevitavelmente estará influenciada por características culturais e sociais de quem o faz, buscou-se nesta seção discorrer sobre os meandros da informação, do conhecimento, da linguagem e da comunicação, no intuito de alicerçar o entendimento da OC, bem como a utilização de suas ferramentas para o melhor tratamento da informação, sua organização e efetiva recuperação. Com essa construção intenta-se conduzir o caminho para a fotografia enquanto objeto informacional, contribuindo para a memória institucional.

Constituída a partir de pontos de vistas distintos, a CI busca compreender a informação no tocante às suas propriedades, comportamentos e circulação, afinal, a informação está em toda parte, sendo indissociável do conhecimento e da comunicação. Numa configuração interdisciplinar a CI pode ser estudada por diferentes âmbitos, pois aponta para pontos de interseção com diversas áreas correlatas.

Os conceitos de Informação e Conhecimento suscitam abordagens diversas e são definidos a despeito de vários olhares em decorrência de suas origens de estudos, a princípio, a informação foi definida matematicamente nas ciências exatas para explicar a comunicação. De conceito plurissignificativo, ela levanta discussões dentro da CI sobre o que é ou não informação (ou informativo), sendo compreendida dependendo do seu uso e finalidade.

Naturalmente, busca-se informação a partir de uma necessidade, de um problema a sanar, ela pode ser um dado, estabelecer comunicação, reduzir incertezas, está na carga genética (DNA), ser um processo, transmitir conhecimento, ser uma coisa etc. Para Le Coadic (2004) ela é um produto que se torna cada vez mais necessário nos setores científicos, técnicos, industriais e do grande público, estabelecendo estreita relação com a cognição e comunicação humanas.

A informação torna-se importante porque permite que o homem perceba a extensão do mundo que o circunda, ela possui uma dinâmica que envolve quem a emite, quem a enuncia e quem a recebe. (CINTRA 27r al., 2002). A humanidade

desde a sua origem faz uso de informações para a garantia da própria sobrevivência acumulando o conhecimento que amplia o domínio sobre a natureza, a sociedade e sobre o próprio homem. (CARDOSO, 1994).

Compreender ou interpretar uma informação não é um ato banal, para Zeman (1970) a informação é um termo matemático e filosófico porque está ligada a quantidade e qualidade, sendo um princípio inerente e inseparável da matéria. Nesse caso, é o dualismo dialético (a oposição entre o real e o material) que fundamenta a informação em um sistema que pode ser descrito matematicamente. Contudo, é na sociedade pós-industrial que a informação amplia sua importância, onde a atenção é redirecionada para questões que envolvem sua natureza, seu conceito e os benefícios para o homem na relação com o mundo em que vive.

Com uma visão moderna, Barreto (1994, p.3) salienta que a informação deve ser observada como fenômeno entre seres humanos que habitam um “espaço social, político e econômico, em que existem uma fonte geradora ou um emissor de informação, um canal de transferência e um destinatário ou receptor de uma mensagem com condições semânticas.” Para o referido autor, o receptor deve ter especial relevância e configurar no processo que define a informação.

Para Capurro e Hjørland (2007) a informação é especialmente significativa por sua natureza digital⁶ e não deve ter seu conceito considerado de forma isolada, mas de maneira relacionada com outros conceitos. Para os autores é indiferente usar uma ou outra teoria da informação, o importante é distinguir a informação como coisa (ou objeto) da informação como signo, ou seja, daquela que depende de interpretação. A preocupação está baseada no fato de habitualmente confundir-se interpretação com abordagem individualista, afinal, a interpretação é subjetiva e terá seu significado influenciado pelo contexto social e cultural em que o agente está inserido.

O advento da imprensa foi capaz de levar a informação mais longe, além de sua reprodução em larga escala, contudo a distribuição equitativa do conhecimento procede desde o século XVII. A princípio, no pós-guerra, os problemas de gerência da informação foram resolvidos com a reformatação da informação, que implicava substituir o conteúdo dos documentos por indicadores. Desse tempo herdaram-se as classificações, indexações e tesouros. A chegada do computador possibilitou lidar

⁶ Para os autores embora a informação seja uma forma básica de comunicação são as tecnologias e seu alcance global que dá maior relevância a ela.

com o volume e o controle da informação. Resolvido esse problema da época, surge na CI o cognitivismo, que relaciona a geração do conhecimento à informação, neste panorama, “a característica da informação passou a ser sua ‘in-tensão’ para gerar o conhecimento no indivíduo e conseqüentemente em sua realidade.” (BARRETO, 2007, p.27).

A demanda por informações na sociedade reflete diretamente no processo de produção/organização/consumo da informação gerada no âmbito das relações sociais, a OC viabiliza o acesso ao conhecimento e à informação por meio de sistemas que abrangem a classificação, o tesouro e a ontologia. O conceito antigo de OC foi proveniente da Filosofia e da classificação das ciências, e evidenciava o armazenamento. Na OC, a representação da informação, a fim de transferir o conhecimento, implica em substituição, ou seja, em uma descrição abreviada. Essa ação de transferência da informação reúne a representação, a recuperação e a comunicação. (MONTEIRO; GIRALDES, 2008). Mas, antes de chegar à OC do século XXI (que com a virtualidade impôs um repensar e uma nova postura) é preciso retroceder no tempo e entender como o conhecimento é engendrado. Afinal, o que é o conhecimento?

Os filósofos da modernidade utilizam a perspectiva de investigação que se atém no agente do conhecimento, nesse sentido surge o “sujeito do conhecimento” como um modelo epistemológico para explicar e justificar o conhecimento em bases além do empirismo. Ele relaciona-se ao mundo cognitivo, o mundo das ideias. (ANDRADE, 2012). Para os empiristas, o sujeito do conhecimento não é puro pensamento (o pensamento é uma estrutura sequenciada de atos mentais, não apenas palavras desconexas, elas por si só não formam o pensamento, tem que haver uma estrutura, uma sequência lógica), mas algo com uma configuração mais próxima do corpo (os cinco sentidos), o que encontra eco nas palavras de Moran (1994), que acredita no conhecimento interligado, intersensorial. Para ele,

O conhecimento precisa da ação coordenada de todos os sentidos — caminhos externos — combinando o tato (o toque, a comunicação corporal), o movimento (os vários ritmos), o ver (os vários olhares) e o ouvir (os vários sons). Os sentidos agem complementarmente, como superposição de significantes, combinando e reforçando significados. (MORAN, 1994, p.233).

Como se observa, o conhecimento é um processo que envolve atividades cognitivas, onde estão abrangidas a percepção, a memória, a imaginação, a

linguagem, a consciência e o pensamento. A percepção, no nível cognitivo, abrange a memória, ela é mediada por símbolos e constitui-se basicamente em três pilares ou significados: o generalíssimo (não há distinção do pensamento), que indica qualquer atividade cognoscitiva; o restrito (conhecimento empírico, imediato), que nomeia o ato, e o específico ou técnico (interpretação dos estímulos). (ABBAGNANO, 2007).

Em geral, a imaginação possibilita que, independente da presença do objeto, imagens sejam evocadas e/ou produzidas. Essa produção de imagens mentais amplia a experiência humana e é fundamental no desenvolvimento, servindo como base para a linguagem. Esta permite a comunicação, sendo um elemento básico permeado de sentimentos que está ligada ao pensamento, sendo este uma atividade da razão que se opõe aos sentidos e à vontade. Essa atividade mental possibilita o estado de consciência onde é possível perceber a relação entre si e seu ambiente. A consciência abrange a subjetividade, a autoconsciência e a sapiência. (ABBAGNANO, 2007).

A consciência, na filosofia moderna e contemporânea, tem em seu significado a relação da alma consigo mesma, em uma relação intrínseca ao homem, interior ou espiritual, pela qual ele pode *conhecer-se* de modo imediato e privilegiado e por isso julgar-se de forma segura e infalível. “Trata-se, portanto, de uma noção em que o aspecto *moral* — a possibilidade de autojulgar-se — tem conexões estreitas com o aspecto *teórico*, a possibilidade de conhecer-se de modo direto e infalível. [...]” (ABBAGNANO, 2007, p.185).

O conhecimento também está diretamente relacionado com a sociedade, figurando como forma de poder e é sempre uma representação do ser, uma interpretação. Para Buzzi (1978) o conhecimento está tipificado em ordinário (julgamento sem reflexão e apoio da ciência; do senso comum ou bom senso), mítico (intuição da realidade, pleno de significação), científico (formalização da representação racional; teoria do real), filosófico (ver ou conhecer o ser) e da fé (o sublime que origina a sublimação). Enquanto para Heráclito há uma diferença entre o conhecimento que os sentidos oferecem e o conhecimento que o pensamento alcança, ou seja, perceber e pensar são atos diferentes.

A preocupação com o conhecimento, bem como, com sua organização e disseminação está na coletividade desde os primórdios. A dinâmica e a forma de

interpretação da sociedade são reflexos das transformações econômicas, políticas e sociais existentes. Durante algum tempo as gerações obtiveram o conhecimento através dos relatos orais, com o advento da escrita esse passou a ser registrado, esse percurso delinea-se desde os pictogramas até o livro contemporâneo. E é a história do livro e da escrita diretamente relacionada à OC, afinal é no “círculo da produção e da recepção textual [que se] inicia o processo de reflexão no indivíduo que, com toda sua bagagem e inserção cultural, constrói o conhecimento.” (PINHO, 2009, p.21). Ressalta-se que, a concepção de conhecimento compactuada nesse estudo é a mesma de Barreto (2002, p.68), quando diz entender

o conhecimento como um fluxo de acontecimentos, isto é, uma sucessão de eventos, que se realizam fora do estoque, na mente de algum ser pensante e em determinado espaço social. É um caminho subjetivo e diferenciado para cada indivíduo.

No processo de construção do conhecimento está o surgimento e utilização da linguagem pelo ser humano, ela é do terreno da filosofia onde Platão já a discutia, contudo sua ênfase acontece no século XX. Hábil na distinção dos outros animais pela sua capacidade de abstração o homem evolui espiritualmente e ver surgir à linguagem por essa característica. A abstração produz o discernimento que logo precisa da linguagem para ser expresso, é ela a junção dos sistemas de padrões simbólico e expressivo, refletindo uma realidade psicológica, que para Abbagnano (2007) consiste em uma operação onde há uma escolha de um objeto para percepção e observação, que é isolado de outras coisas com que possa manter qualquer relação. Nesse sentido a abstração teria dois aspectos: isolar a coisa previamente escolhida das demais com que está relacionada e assumir como objeto específico de consideração o que foi assim isolado.

Também concordando com o conceito de linguagem como ato psicológico (ao exprimir sentimentos) estão alguns pensadores da pré-história do livro, como Berr, Focillon, Couturat, Sapir dentre outros. Com o *31reco* (a palavra) o homem torna-se um ser político, portanto, é na linguagem que está contida a história da humanidade, ela representa o domínio do homem sobre as coisas. Apesar de ser artificial e convencional, está intimamente ligada ao fator psicológico porque se trata de atribuir valor ao sinal. (MARTINS, 2001).

Sem dúvida que a linguagem é a forma de comunicação humana, é ela que está no relacionamento do homem com o mundo, com os seus semelhantes, com a

vida social e política, com o pensamento e as artes. Na CI, a linguagem, integrada de valores simbólicos e funcionais que criam o sentido, é estruturada para organizar o conhecimento e para que a informação funcione como veículo para esse conhecimento. (LARA, 2007). Assim sendo, ela pode ser utilizada para o bem ou para o mal, como já dizia Platão, pois é *phármakon*: “[...], pode ser cosmético, maquiagem ou máscara para dissimular ou ocultar a verdade sob as palavras. A linguagem pode ser conhecimento-comunicação, mas também pode ser encantamento-sedução.” (CHAUÍ, 2009, p.148).

A linguagem verbal ou visual são processos de representações utilizados pelo ser humano. Representar, no mundo cognitivo, “consiste em perceber, descrever, gravar e interpretar uma informação.” (TOUTAIN, 2007, p.91). Nesse sentido, pode-se dizer que a OC está inerente ao ser humano, permanentemente fazem-se representações, enquadramentos e reduções visando organizar, entender e acessar o quantitativo cada vez maior de informações, no intuito de gerar conhecimento e possibilitar a sobrevivência no mundo da atualidade, permeado por uma avalanche crescente de informações.

No contexto da linguagem, é preciso entender que o mundo que se vive é de objetos designados, os quais a teoria da linguagem chama de signos. Os signos mais frequentes são os verbais e é a linguística que estuda a combinação desses signos. O conceito (juntamente com o ícone e o símbolo) faz parte das regras semânticas e é muito utilizado na CI, sendo ele o conteúdo da linguagem e de fundamental importância no desenvolvimento do conhecimento porque contribui para o aperfeiçoamento da linguagem em qualquer domínio. É “o conceito constituído de elementos que se articulam numa unidade estruturada [...] formado pela reunião e compilação de enunciados verdadeiros a respeito de determinado objeto.” (DAHLBERG, 1978, p.102). São os processos ou jogos linguísticos que ensejam a comunicação. (BUZZI, 1978).

Pensando em comunicação logo vem à mente a ideia comum de alguém que fala, outro que ouve e entende. Mas, a comunicação humana, assim como a informação e a linguagem, está permeada de significação e de ação que envolve o ser pensante que a realiza. Antes de tudo, a comunicação exige participação, transmissão, relação, processamento. Ela está intimamente ligada à informação, ora confundindo-se como coloca Pignatari (2008) quando define a Teoria da Informação

também como Teoria da Informação e Comunicação, onde o autor não vê distinção entre ambas.

Por mais que a comunicação tenha se modificado ao longo dos séculos, ela continua sendo um fenômeno e uma função social, independente de como se estabelece. É a revolução industrial que faz crescer o interesse pela comunicação e seus problemas, impulsionando a uma maior precisão na emissão de mensagens e criando assim, um mercado de consumo que exige informações sintéticas com linguagem adequada. (PIGNATARI, 2008).

A compreensão do conhecimento, da informação, da linguagem e da comunicação possibilita chegar a OC da contemporaneidade com o entendimento do que ela carrega no estabelecimento de suas diretrizes, uma vez que se pode perceber que a organização e representação do conhecimento é um conjunto de esforços na tentativa de transformar o conhecimento em informação e disponibilizá-lo num sistema para recuperação e geração de novo conhecimento. Nesse ínterim está a fotografia enquanto documento e necessitando de representação que pressupõe essa interpretação.

Uma efetiva OC tem que ser capaz de lidar com a demanda informacional crescente, assim como uma mudança de postura do usuário buscador dos dias de hoje, modificada pela web, por isso, os Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC) são construídos para assim representar o conhecimento e são definidos como “Sistemas conceituais semanticamente estruturados que contemplam termos, definições, relacionamentos e propriedades dos conceitos.” (CARLAN; MEDEIROS, 2011, p.54).

Infere-se, portanto, que os conceitos são primordiais e estão nas bases de toda OC, eles possibilitam o aperfeiçoamento da linguagem em qualquer domínio e sua compreensão está diretamente ligada à representação. Seus estudos envolvem as bases cognitivas e linguísticas do conhecimento e dos saberes humanos, eles estão inseridos em diversos campos disciplinares como a filosofia, a semântica, a psicologia, a biblioteconomia, a terminologia. (ALVARENGA, 2001). É preciso ressaltar que para Hjørland (2010) a teoria dos conceitos está diretamente relacionada com as teorias do conhecimento (empirismo, racionalismo, historicismo e pragmatismo), portanto, irão refletir-se em diferentes teorias dos conceitos com diferentes ideais metodológicos, onde o mesmo destaca que o historicismo e o

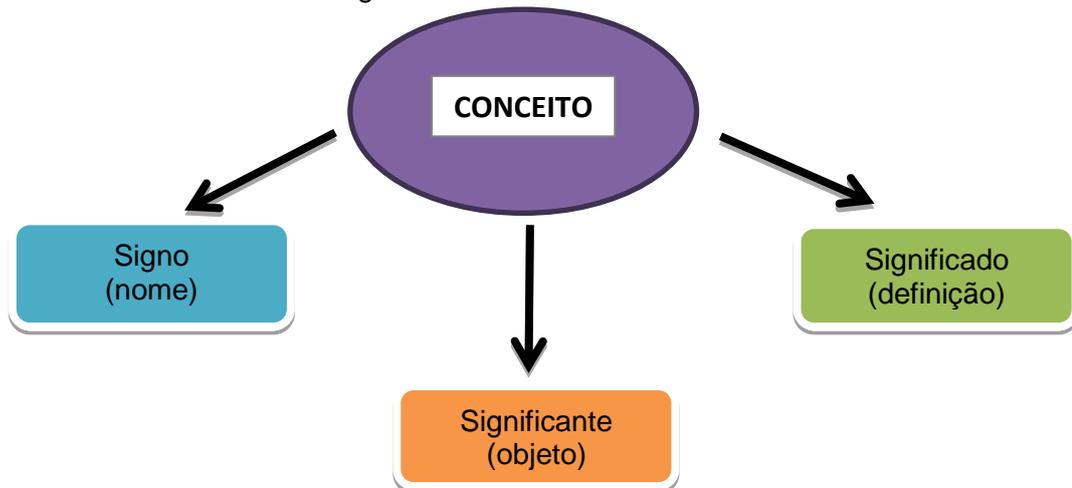
pragmatismo teriam prevalência sobre os demais, sendo os mais assertivos para serem usados.

Para Abbagnano (2007, p.164), o conceito é

Em geral, todo processo que torne possível a descrição, a classificação e a previsão dos objetos cognoscíveis. Assim entendido, esse termo tem significado generalíssimo e pode incluir qualquer espécie de sinal ou procedimento semântico, seja qual for o objeto a que se refere, abstrato ou concreto, próximo ou distante, universal ou individual etc. [...] o alegado caráter de *universalidade subjetiva* ou validade intersubjetiva do [conceito] na realidade é simplesmente a sua *comunicabilidade* de signo linguístico: a função primeira e fundamental do C. é a mesma da linguagem, isto é, a comunicação. [...].

Tal definição ratifica que o conhecimento é expressado pela linguagem, e esta é a forma que o ser humano se comunica. Assim sendo, como diz Dahlberg (1978), os conceitos são os enunciados que o homem cria para designar os objetos e a soma desses enunciados fornece o conceito dos referidos objetos, há, portanto os conceitos individuais e gerais. Os conceitos individuais expressam objetos individuais que são as coisas, os fenômenos, os processos, os acontecimentos, os atributos etc., estando condicionados as formas de tempo e espaço. No que tange os conceitos gerais estão os objetos que estão fora do tempo e do espaço. (DAHLBERG, 1978). Basicamente, na visão do referido autor pode-se entender o conceito como a conjunção do signo, significado e significante, como exemplificado na figura que segue:

Figura 3 – Teoria do Conceito



Fonte: Dahlberg (1978)

No campo da fotografia, quanto ao conceito, há a discussão levantada por Machado (2000) ao retomar Vilém Flusser, onde o autor busca compreender a fotografia como uma imagem-conceito baseada em teorias científicas, ou seja, ela seria a materialização dos conceitos da ciência. Machado amplia a discussão (para além da semiótica peirceana) para o signo fotográfico como um símbolo, no terreno do conceito, chamado por Peirce de terceiro na escala da sua semiótica.

Os conceitos, dentro da OC, estão no mundo da cognição, das ideias, mas fatalmente incidirão para o mundo dos objetos físicos, porque são eles que viabilizam a circulação e apropriação social da informação e do conhecimento, sendo também utilizados na construção de ontologias, tesouros, taxonomias, linguagens documentárias com vistas à representação da informação materializada em um documento, seja ele textual, visual, em áudio etc.

Uma linguagem documentária tem como função tratar o conhecimento e disponibilizá-lo como informação; é de sua competência transformar estoques de conhecimento em informações adequadas aos diferentes segmentos sociais. (CINTRA 35r al, 2002). A indexação é a operação fundamental no longo caminho do documento que é registrado e preservado, seu bom desempenho será refletido na recuperação da informação realizada através dos índices, ou seja, a melhor identificação de conceitos pertinentes ao conteúdo do documento trará respostas mais relevantes e precisas. Nessa etapa, é importante valer-se do que ensina Dahlberg (1978) para a criação dos conceitos e o que deve estar incluso em sua

constituição, como por exemplo, os elementos, as características, as relações, dentre outros.

É a indexação a operação que consiste na tradução dos textos da Linguagem Natural (LN) para a Linguagem Documentária (LD) que acontece por perspectivas cognitivas e linguísticas. O processo de indexação constitui-se de certa complexidade, ele acontece em estágios que compreendem análise, sumarização e tradução. Alguns autores defendem que há dois estágios (analítico e tradução), enquanto outros acreditam que a sumarização seria o terceiro estágio entre a análise e a tradução. (FUJITA, 2003). Em geral,

Na biblioteca, os tratamentos de forma e conteúdo, embora operacionalmente diferentes, são dependentes um do outro. O formato descritivo utilizado é o catalográfico, a maioria em MARC21, que conterà o resultado das operações de tratamento de forma (autor, título, edição, casa publicadora, data, número de páginas etc.) e de conteúdo documentário (o número de classificação, obtido pela classificação, os cabeçalhos de assuntos determinados pela indexação e, em alguns casos, o resumo derivado da elaboração de resumo). (FUJITA; RUBI; BOCCATO, 2009).

Operacionalizar os conceitos em linguagens documentárias é o grande desafio, limitar por assim dizer, enquadrar determinado conteúdo em uma definição, reduz as chances de recuperação por um lado, mas se faz necessária para viabilizar a circulação e recuperação da informação em Sistemas de Organização do Conhecimento, por isso, precisa ser extremamente coerente e assertiva com as necessidades do usuário desses Sistemas.

Observe que embora o conhecimento seja de certa forma intangível, há uma necessidade premente de materializá-lo para que ele possa ser objeto de classificação, indexação e recuperação. É a roda viva da CI.

A dificuldade para indexar não se restringe aos documentos escritos, ela aumenta quando se entra no terreno dos elementos visuais. Em grande parte a dificuldade está na polissemia da imagem, uma vez que sua leitura acontece em frações de segundos e está estruturada em três fases: percepção, identificação e interpretação. A percepção é puramente ótica, a identificação às vezes é ótica, às vezes é mental, e a interpretação é puramente mental, e é nesse contexto onde os indexadores enfrentam dificuldades de representação. (LIMA, 1988).

Em consequência das bases advindas da Biblioteconomia, onde há uma preocupação com o tratamento descritivo, “o paradigma da informação remete ao tratamento temático uma discussão acerca de seus estudos teóricos (fundamentação) e aplicados (construção de ferramentas).” (PINHO, 2009, p.33). Com o paradigma da informação há uma mudança de foco que sai do acervo, especificamente o livro, para uma nova postura com a chegada da Documentação na década de setenta ao Brasil. Ela traz mudanças tecnológicas com a inserção da microfilmagem que modifica as formas de armazenamento e impulsiona a adoção de abordagens de outras áreas como arquivologia e museologia. A partir desse momento somam-se outras transformações nos postos de trabalhos com diversos profissionais inserindo-se na área da informação, acontecendo inevitavelmente a mudança de paradigma do acervo para o paradigma da informação. (VALENTIM, 1995).

Nesse cenário, a informação necessita de outro tipo de tratamento e isso recai sobre um repensar do que é o documento na OC do século XXI. No momento de plena virtualidade, obter uma informação ou recuperar um documento é um ato tão rotineiro que não suscita no indivíduo nenhum questionamento de como aquela informação chegou até ali. Contudo, os profissionais da informação passaram por mudanças de considerável magnitude, como o aprendizado de novas teorias, a transição de paradigmas, exigência de uma postura proativa, educação continuada, discussões nacionais e internacionais, fóruns de debates, dentre outras.

Com o advento do digital os documentos impressos deixaram de ser a principal preocupação das bibliotecas, a diversidade de suportes e variantes de um documento trouxe um novo olhar sob esse material. Etimologicamente a palavra documento deriva do latim *documentum* e habitualmente estava restrito ao livro, ao material impresso, sendo objeto de transmissão do conhecimento. Na história, a definição de documento trazida por Le Goff (2003) acredita no documento como monumento, a partir do momento que ele é colocado em série e tratado de modo quantitativo. Para o autor ele reflete a escolha do historiador num dado momento, e sempre foram, sobretudo, textos, atuando com sentido justificativo, de testemunho histórico e de prova.

As definições clássicas no campo da CI trazidas por Otlet, Briet e Meyriat (ORTEGA; LARA, 2010) se complementam e levam em consideração o material

físico (suporte), o valor informativo do material, o entendimento do signo (índice) e o ato de comunicar (ver Quadro 1).

Quadro 1 – Noção de Documento

DOCUMENTO		
Versão clássica	Discípulos franceses	Discípulos espanhóis
Otlet – adota a forma livro ou documento. Valoriza a atribuição interpretativa do documento (hermenêutica).	Escarpit – objeto informacional visível ou palpável e dotado de dupla independência em relação ao tempo: sincronia e estabilidade.	Desantes Guanter – associa documento e informação e não concebe dissociação.
Suzanne Briet – signo indicial (ou índice) concreto ou simbólico.	Meyriat – papel ativo do receptor (documento como produto de uma vontade, aquela de informar ou se informar.). - documento como uso (para ele o uso vai determina-lo como tal).	Sagredo Fernández e Izquierdo Arroyo – é o uso que decide o caráter documental (se vai ser documento).
-	-	Rendón Rojas – restringe o uso do termo documento no âmbito da <i>Bibliotecología</i> .

Fonte: Adaptado de Ortega e Lara (2010).

A discussão sobre documento na CI por vezes é encoberta pela contenda sobre informação, que parece mais atrativa por inúmeras razões. Para Marcondes (2010) o documento mantém e amplia o papel da linguagem, por isso, ele acredita que a noção de informação baseada no conteúdo não contribui para o estudo do documento por outros panoramas. Em seu estudo, na busca por estabelecer relações com a CI, o documento é discutido e analisado segundo perspectivas funcionais, sociais e culturais. Nesse sentido, para o autor,

O documento, portanto, é um artefato sóciotécnico, artificial, uma descoberta tecnológica, correlata à descoberta da escrita, que permite viabilizar a intenção de seu criador de transferir mensagens, externalizadas e autonomizadas, através do tempo e do espaço. (MARCONDES, 2010, p.9-10).

Rabello (2011), em seu estudo histórico-conceitual do documento na CI, que o abordou sob uma perspectiva epistemológica, observou que o caráter polissêmico do documento não é contemplado. Ele acredita que isso se dá em virtude da discussão de elevada valorização do suporte da informação, que encobre a argumentação que ajuda a explicar a dimensão social do documento.

Na visão da CI, realmente, há uma crescente preocupação com as novas formas de suporte da informação, basicamente, pode-se assumir a postura diante de um documento entendendo-o como o registro da atividade humana, como representante de significados, como fator de inúmeras possibilidades comunicativas, como suporte, como registro do pensamento individual ou coletivo etc.

Dentro das investigações da CI o documento é a concretização de toda informação registrada (e útil, para ser guardada, independente de qual seja o suporte desta informação), passível de transmitir conhecimento, sendo o testemunho da realização da atividade humana. (MANINI, 2002). Estabelecer a diferença entre os diversos tipos de documentos é o primeiro passo para começar seu tratamento.

No rol de documentos estão os textuais, audiovisuais, visuais, obras de arte, produtos industriais etc. O foco aqui será na imagem fixa que pertence ao grupo dos documentos visuais, especificamente a fotografia. São elas documentos capazes de transmitir informações registradas em suportes que podem ser analógicos ou digitais. Para Flusser (2009) os fotógrafos são informadores, assim como os escritores e pintores, pois produzem, armazenam e distribuem mensagens em forma de imagens, que servem para informar: serem lidas, analisadas, interpretadas e levadas em conta nas decisões futuras, tais características enquadram a imagem fotográfica na categoria de documento.

Curiosamente a fotografia nasce com cunho documental (e assim permanece até meados da década de 70), no sentido de levar ao mundo o conhecimento do até então desconhecido, mas, é na contemporaneidade que ela tem atuado como elemento de expressão, constituindo-se na cena cultural como objeto de arte, sendo apreciada cada vez mais nos Museus e Galerias.

Sua configuração como documento em sistemas de informação implica no seu tratamento e descrição, nessa tarefa a indexação é fator primordial. Ela deve oferecer um adequado tratamento do conteúdo informacional considerando também a forma e a expressão. Para tanto, diversos estudos sobre a análise documentária

de imagens foram desenvolvidos, citando-se aqui os estudos de Panofsky (1979) que detalham três níveis: o pré-iconográfico (descrição genérica), o iconográfico (significado simbólico) e o iconológico (significado intrínseco do conteúdo), e Shatford (1986) para quem a imagem é genérica e específica. E Bléry (1989) que dividiu a análise nas categorias QUEM, ONDE, QUANDO, COMO. Assim, a representação supõe esse refinamento. (SMIT, 1996).

Trata-se, portanto, de um elemento utilizado com diversos olhares, como no caso da História e da Antropologia tanto com cunho documental como na construção da memória, além de inúmeros usos. A seção a seguir pode-se conhecer um pouco mais sobre a fotografia percebendo seu caráter indicial e sua importância e expansão ao longo dos anos.

4 A FOTOGRAFIA COMO INSTRUMENTO DE MEMÓRIA

Pode-se projetar um mundo sem imagens? Provavelmente não, afinal, mesmo que o ser humano esteja privado de sua visão, ainda assim, ele conseguirá elaborar imagens mentais. É o que Santaella e Nöth (2010) chamam de Domínio imaterial (imagens na nossa mente), onde as imagens aparecem como visões, fantasias, imaginações, esquemas, modelos ou, em geral, como representações mentais a fim de representar, informar, direcionar o indivíduo. “A imagem mental é construída por todos nossos mecanismos perceptivos, assim como as outras percepções são também interfaces de um processo de conhecimento.” (TACCA, 2005, p.12).

Nesse âmbito está a fotografia, que, na tentativa de congelar o tempo, permeia o cotidiano do ser humano como forma de o distinguir no mundo, constituindo-se numa linguagem de representação plástica universal. Nesta seção se conta um pouco da história da fotografia traçando sua trajetória ao longo de dois séculos de existência sem a necessidade de se esgotar, apresentando as visões dos principais autores do campo da Imagem e da CI, até chegar ao seu uso como fonte de informação, configurado no documento fotográfico, objeto da OC e passível de descrição e como construtor de memória, tanto social como institucional.

Surgida na primeira metade do séc. XIX, em 1839⁷, a fotografia inaugura um novo modo de apreciar a sociedade; traz consigo uma riqueza de detalhes até então não percebida por meio da pintura. É notório que Pintura e Fotografia sempre tiveram histórias que se mesclam; são manifestações que ora se confluem ora parecem antagônicas, mas é certo que a análise de uma e outra não se confunde; afinal, não há exame de uma Pintura da mesma forma que de uma Fotografia.

Para fins didáticos, a História da fotografia é dividida por períodos conforme a técnica fotográfica dominante, conforme abaixo:

- Período da **daguerreotipia**: de 1839 a 1855;
- Período dos **negativos de colódio húmido sobre vidro e das provas de albumina**: de 1855 a 1880;

⁷ Há vários experimentos que revelam o processo fotográfico antes desta data. Segundo Kossoy (2006, p.28), no Brasil, Hercules Florence já havia descoberto isoladamente o processo fotográfico em 1833; ele foi “membro-desenhista da expedição científica chefiada pelo barão de Langsdorff.”

- Período dos **negativos em gelatina e brometo de prata sobre vidro** e das **provas em papel directo de fabrico industrial (de gelatina ou colódio)**: de 1880 a 1910;
- Período dos **negativos em película** e das **provas em papel de revelação**: de 1910 a 1970;
- Período da **fotografia a cor cromogénea**: de 1970 até hoje. (PAVÃO, 1997, p.25).

É necessário esclarecer que mesmo antes da escrita, que tornou linear o registro da história do mundo, os homens encontraram na produção de imagens⁸ uma forma de guardar momentos, contar histórias, trocar informações e ideias, sendo as imagens elementos capazes de representar o mundo real⁹ graças à capacidade imaginativa de quem as concebe e a consome como espectador. A imagem é uma das mais antigas formas de registro da humanidade, que remete às pinturas rupestres de mais de 20 mil anos, quando os homens registravam sua vida nas paredes das cavernas.

Desde a terceira década do século XIX a fotografia é considerada uma das principais fontes documentais da história. As coleções de fotografia vão se constituindo como rica fonte de ensinamentos que englobam uma diversidade de técnicas e contam a própria História da Fotografia. Sua evolução técnica se constitui de vários processos fotográficos, aqui entendidos como “o conjunto de procedimentos e processos químicos e fotoquímicos que conduzem à obtenção de uma fotografia.” (PAVÃO, 1997, p.25).

No início, a fotografia servia para dar visibilidade à parcela mais abastada da sociedade que buscava firmar seu poder por meio da imortalidade, e o que os imortalizava era o retrato, propagado em grande parte pelo *Carte-de-visite* ou *carte de visite*¹⁰. A priori ela se constituiu em um “elemento de identidade visual e um acesso para ver-se (*sic*) a si próprio, a fundação das individualidades ao manter consigo uma imagem de pessoa querida, [...]” (TACCA, 2005, p.10). Posteriormente, foi sendo utilizada gradativamente para fins científicos (como nos

⁸ Entenda-se aqui o conceito de imagem definido por Smit (1996, p.29) em que “abrange um vasto leque de documentos iconográficos ou de ilustrações, incluindo pinturas, gravuras, *posters*, cartões postais, fotografias, etc.”

⁹ No Brasil, a ocupação holandesa que se deu em 1624, trouxe na corte de Maurício de Nassau, pintores, arquitetos, cartógrafos, naturalistas etc. para registro do *Novo Mundo*, demonstrando a preocupação com a inscrição do que se encontrara. (BRIENEN, 2010).

¹⁰ Formato de tamanho diminuto para apresentação de fotografias foi patenteado por Disdéri e virou modismo na década de 1860; ele popularizou a arte do retrato atribuindo ao fotografado representação e distinção social.

retratos do século XIX) e como registro etnográfico do homem. No entanto, a fotografia não é fruto de inspiração artística, nasce atrelada a uma técnica, fruto de uma nova forma de pensar e agir. Inicia-se numa sociedade recém-saída da revolução industrial, que está se modificando econômica e socialmente. Contudo é, antes de qualquer valor sociocultural, estético, filosófico, entre outros, um processo físico-químico, de caráter mecânico, alicerçado no tripé: luz, suporte e formato.

A luz, condição *sine qua non* de sua existência, é observada, perseguida, esculpida e orientada por todo e qualquer fotógrafo, ou seja, sua matéria-prima. São três as suas variáveis: direção, natureza e intensidade. A direção é de baixo, de cima, da esquerda, da direita, pela frente e por trás. A natureza pode ser direta, rebatida, dura, difusa e filtrada. Sua intensidade varia de forte, fraca e correta. (MOURA, 2009). O negativo e o positivo operam como suportes “que sofrem tratamentos diferentes; ou, mais exactamente: a superfície sensível sobre a qual se fixa a imagem, [...], e a transposição dessa mesma imagem sobre o papel, pelo processo da impressão.” (BAURET, 2010, p.16).

Figura 4 – Cronologia dos inventos na Fotografia

Cronologia de alguns inventos que revolucionaram a fotografia

1827	Niepce, Betume da Judeia
1835	Talbot, Desenho Fotogénico
1839	Daguerre, Daguerreótipo
1847	Niepce de Saint Victor, Negativo em Albumina
1850	Blanquard-Everard, Impressão em Albumina
1851	Scott Archer, Colódio Húmido
1851	Ambrótipos
1855	Ferrótipos
1859	Disderi, Cartão-de-Visita
1864	Walter B. Woodbury, Woodburytipia
1864	Swan, Impressão em Carvão
1871	Maddox, Chapas Secas de Gelatina e Brometo
1879	Willis, Platinotipia
1889	Eastman, Película plástica em rolo
1883	Vogel, Descoberta de sensibilização cromática dos sais de prata
1912	Revelação cromogénea
1923	Sheppard, descoberta da acção sensibilizadora da gelatina
1935	<i>Kodachrome</i>
1948	Land, Fotografia Instantânea

Fonte: Pavão (1997, p.64).

Com a revolução industrial a fotografia passou a ser fundamental como fonte de informação¹¹ e conhecimento, ou seja, “teria papel fundamental enquanto possibilidade inovadora de informação e conhecimento, instrumento de apoio à pesquisa em diferentes campos da ciência [...]” (KOSSOY, 2001, p.25). Assim, o homem, que até então conhecia outros mundos por meio da expressão escrita, verbal e pictórica, passou a contar com essa nova ferramenta que permitiu um conhecimento preciso e amplo de outras realidades. (KOSSOY, 2001).

A fotografia vai ser marcada por constantes mudanças de suporte durante todo o século XIX. A característica foi marcadamente documental e as pesquisas científicas se apropriaram imediatamente do aparelho como uma extensão do olhar humano, sem formulação crítica, uma imagem limpa e objetiva. (TACCA, 2005, p.10).

¹¹ Na semiótica, tudo pode transmitir informação, uma vez que todas as coisas são interpretadas como um signo de outra coisa. (GNOLI, 2012).

É na década de 1980 que aumenta o interesse pela fotografia como fonte de pesquisa e se começa a verificar os recursos potenciais da leitura das imagens. Em sua gênese a fotografia está ligada à literatura e à comunicação, evidenciando implicitamente a narrativa. Esclarece-nos este fato Bauret quando explica os discursos referentes à fotografia, a saber:

Além do discurso **estético**, que, no mundo da fotografia, tende a privilegiar qualquer manifestação de carácter criativo e a constituir um estudo das formas e da sua evolução, ligando-as a diferentes tradições visuais como a do enquadramento, uma **sociologia** da fotografia assenta sobre um estudo sistemático dos diferentes contextos desta prática; quanto à **semiologia**, permitiu tomar em consideração a imagem fotográfica como mensagem, desmontando o processo da sua comunicação, e, em particular, os diferentes tipos de códigos. Mas, tal como qualquer outra forma de arte e de literatura, tal como qualquer texto, a imagem fotográfica só existe plenamente se for fruída por um leitor que lhe dê uma interpretação. (BAURET, 2010, p.11, grifo nosso).

Ao longo de dois séculos de existência a fotografia sofre mudanças substanciais em seus paradigmas. No início do século XX ela se configurava na expressão do belo do mundo, da natureza e das pessoas. Seu cunho indicial revelava que o referente existiu e era passível de ser documentado e memorizado, refletindo uma fotografia de carácter documental; seu sentido era o fotografado, o *punctum* de Barthes que Sontag corroborava quando dizia que era importante a não intervenção do fotógrafo, preterindo a ele relatar a realidade e não ser seu intérprete ou crítico ou denunciador. (MANINI, 2009). Na metade do século XX a fotografia enfatiza o autor; a intervenção subjetiva é a principal marca, caracterizando-se assim uma fotografia autoral, onde o fotógrafo registra a partir da sua percepção/concepção ideológica, o que evidencia uma credibilidade aparente.

O fascínio pela imagem pode se dar em razão de ser a visão uma atividade complexa que não pode ser dissociada das grandes funções psíquicas (AUMONT, 2008). O ato de ver antecede ao de falar e andar, o que pressupõe o valor que a imagem transmite ao homem. Explica-se isso, em parte, pela verossimilhança que a máquina tem com o olho humano, servindo como auxiliar para a percepção do indivíduo. Nesse caminho reflete Rahde (2006, p.3) quando salienta que:

Certamente surgida muito antes da articulação das palavras, a imagem vem se constituindo na forma viva que perpassou todas as

civilizações humanas: Da Era Primitiva ao mundo antigo, da Antiguidade Clássica ao mundo medieval, do Renascimento ao Barroco e deste à Arte Moderna, chegando à contemporaneidade que estamos vivenciando. Assim, a comunicação imagística permanece representando papel relevante na trajetória social e cultural da humanidade, fonte de influência na comunicação estética e epistemológica.

No campo da documentação, Paul Otlet, em 1934, já ampliava a ideia de documento para além dos livros, e classificava a fotografia considerando-a “a mais importante forma de representação gráfica da documentação.” (BUCCERONI; PINHEIRO, 2009, p.130). É salutar mencionar que Paul Otlet, jovem advogado belga, estava à frente de seu tempo, homem visionário que foi nomeado um dos pais da CI. Para ele a questão principal gerava em torno do documento, como bem esclarece Rayward (*apud* Santos, 2006, p.27) ao afirmar que, para Otlet,

o documento estava no centro de uma intrincada rede de comunicação que envolvia instituições como bibliotecas, arquivos, museus e bibliografias especializadas e sistemas de informação. Otlet tentou definir e implantar todas as manifestações institucionais relacionadas a uma única e central necessidade social: a informação.

No contexto da CI a fotografia tem sido analisada como “documento e informação no âmbito da representação e recuperação da informação fotográfica e de soluções de arquivamento e preservação.” (BUCCERONI; PINHEIRO, 2009, 129). É nessa condição de documento, portadora de informação, que a fotografia é trabalhada pela OC, que atua numa perspectiva pragmática sócio-cognitiva preocupando-se com o uso da informação em diferentes suportes.

É no mundo do real e da ficção que a fotografia transita, entre seu autor e seu receptor são feitas escolhas, do que se quer fotografar e do que se quer ver. Para Castel (2003 *apud* PERES, 2008, p.2) “a fotografia é o resultado de uma seleção consciente que se opera na percepção.” Uma busca pela compreensão da imagem ultrapassa o plano apenas da representação da realidade, é preciso ver e sentir o que aparentemente não está à vista, é preciso decifrar seus signos, sinais e indícios. No atual mundo globalizado, com a profusão de informações e imagens, é preciso especial atenção ao que se quer reter como acréscimo de conhecimento. Na imagem fotográfica, o real e o imaginário andam lado a lado, os fatos trazem informações efêmeras, e o que se solidifica na mente humana é aquilo que se

consegue representar. “[...] A visão é absolutamente definida como algo uniforme, e a tirania ocular que vivenciamos pode ser uma tentativa de organizar nossa relação com o mundo.” (FLUSSER, 2009).

Utilizar as imagens numa narrativa ficcional é um dos meios de legitimar as informações que se confundem com a própria história do indivíduo. A partir do momento que se pensa na imagem, busca-se sua interpretação, percebem-se detalhes, inicia-se então uma narrativa e se começa a construção da linguagem. Para Machado (2000, p.5),

[...] fotografia é, antes de qualquer outra coisa, o resultado da aplicação técnica de conceitos científicos acumulados ao longo de pelo menos cinco séculos de pesquisas nos campos da ótica, da mecânica e da química, bem como também da evolução do cálculo matemático e do instrumental para operacionalizá-lo.

Contudo, para Kossoy (2007) na análise e interpretação das fontes fotográficas é necessária uma análise iconográfica (realidade exterior) e uma interpretação iconológica (realidade interior). Toda imagem está repleta de elementos icônicos codificados, formal e culturalmente, fornecendo assim informações para as diferentes áreas do conhecimento humano. A codificação formal compreende a captação da imagem, aos recursos técnicos e aos recursos plásticos enquanto a codificação cultural diz respeito ao tema apresentado que possui informações explícitas e implícitas. Na criação e interpretação de imagens está inserido o processo de construção de realidades/ficções, sendo a fotografia resultante dessa construção. O autor ainda chama a atenção para a análise da fotografia além do que está explícito, sendo necessário o conhecimento das fontes não verbais. Na tentativa de desvendar esses códigos faz-se necessário um mergulho nos fragmentos da ambiguidade e da evidência que a fotografia possui. (KOSSOY, 2007).

Diferentemente do que se pensa a fotografia não possui uma linguagem universal, seria impossível pessoas com idades diferentes, de sexos diferentes, com experiências de vida diferentes, em contextos sociais diferentes, interpretarem uma mesma foto do mesmo jeito. Assim como a fotografia sofre a influência do mundo particular do fotógrafo para sua construção, o mesmo ocorre na sua recepção. Ela será recebida e entendida conforme os repertórios pessoais e culturais de seus

receptores, daí sua qualidade plural, ou seja, depende de quem a aprecia, incidindo num problema para os profissionais da informação.

O entendimento da fotografia para além da técnica e da representação artística está no seu estudo como fenómeno sociocultural, que recai na questão do conceito e a conduz à CI. A forma como é definida e nomeada será reflexo de como é percebida e representada e a representação perpassa pelo estabelecimento do conceito e de sua tradução de forma inteligível, ela implica em substituição. Cria-se uma conexão entre o que se representa e o signo, que é um ato de conhecimento, para representar precisa-se compreender e interpretar. A representação envolve um processo cognitivo que se utiliza da emoção, da razão e da linguagem, que primariamente está situada no registo do pensamento num suporte documental, elencada pelas etapas de percepção, identificação, interpretação, reflexão e codificação. (ALVARENGA, 2003).

É necessário que os profissionais de informação conheçam os elementos para a efetiva leitura de imagens, com ênfase na escrita icônica e na linguagem fotográfica, para fins documentários, e busquem desenvolver Sistemas, técnicas, Bases de dados, linguagens que aproximem o usuário daquilo que ele procura efetivando o ciclo da informação (de comunicação, produção e uso). Ler imagens exige aprendizado, é como na escrita, é necessário conhecer os elementos que compõem a imagem, assim como a língua na qual é escrita a mensagem. Entender essa linguagem icônica significa está inserido no mesmo contexto social para uma comunicação efetiva. Afinal, uma fotografia representando objetos ou fenômenos desconhecidos é quase tão muda quanto um texto escrito em uma língua que nunca se viu. (LIMA, 1988).

Quanto à escrita icônica, para Lima (1988), a escrita fotográfica se faz através de componentes, são eles os primeiros a serem identificados, a saber: componentes vivos (humanos e animais), móveis (certos fenômenos e elementos naturais) e fixos (objetos de toda forma). A hierarquia entre esses componentes demonstra o domínio na imagem, domínio esse que é exercido pela gradação: vivo /móvel /fixo, salvo quando há as exceções, ocorridas quando o componente vivo ocupa espaço reduzido na foto; e o componente fixo representa coisa inabitual que força o interesse do receptor.

A leitura da escrita é uma ação linear e unidimensional, contudo, na leitura de uma fotografia a ação é bidimensional e prospectiva (acontece de acordo com os componentes existentes dentro da imagem). Na imagem há uma combinação de duas estruturas: geométrica e perceptual. A Geométrica é sempre estática, simétrica, onde há proporções. A perceptual constitui-se numa estrutura dinâmica, com descrição anatômica e particularizada, orgânica (e assimétrica não geométrica). (LIMA, 1988).

Há de se repensar sobre a percepção da imagem, necessária ao indexador, afinal, os Sistemas de Informação são organismos complexos que não estão resumidos a entrada de um documento, seu tratamento e difusão e/ou recuperação (saída). São muitas as dificuldades encontradas na indexação de imagens porque o visual precisa ser transcodificado no verbal, isso decorre da complexidade do processo de produção e recepção do signo imagético. O indexador também deve procurar conhecer as características técnicas que estão ligadas ao significado, considerando as informações sobre objetiva, ótica, velocidade, luz, ângulo, filtros etc., o que incide na comunicação eficaz. (MOREIRO GONZÁLEZ; ROBLEDANO ARILLO, 2003).

Assim como as demais formas de informação, a fotografia está sendo reorganizada em sistemas patrocinados pelas atuais tecnologias de comunicação. A imagem fotográfica invadiu a Internet, a rede abriga desde fotos de viagem e álbuns de família às grandes descobertas sobre microrganismos ou planetas distantes, o privado torna-se público e o científico acessível. Contudo, a pesquisa com imagens, nas ciências humanas, ainda carrega a presença do positivismo (identificada em sua origem). Conforme Tacca (2005, p.9)

A restrição de uma tradição positivista no uso da imagem fotográfica dentro do campo das ciências humanas, em que objetividade e mesmo neutralidade ainda estão presentes, cria a necessidade de procurar fronteiras nas quais a subjetividade e a criação possam adquirir outros sentidos no olhar fotográfico.

Há, hoje, uma resignificação dos usos e sentidos da fotografia, ela tem tornado o mundo portátil e ilustrado através das tecnologias, também se questiona sua realidade devido às possibilidades de manipulação, configurando assim um momento de fragilidade da imagem digital. Mesmo diante desse panorama os

acervos de imagens digitais são uma realidade cada vez maior, mas, a complexidade na descrição de uma fotografia ainda é um caminho de descobertas. Contudo, é o documento fotográfico capaz de oferecer o testemunho das transformações ocorridas, bem como, auxiliar na construção da memória.

Na CI a literatura sobre análise, tratamento e gestão de fotografia está sob a égide da imagem, incluída assim a imagem fixa e em movimento. A rápida inserção da fotografia em vários campos da vida e do saber, como já mencionado, criou novos critérios quanto à seleção e organização das informações ali contidas. Isso acontece em função das diversas naturezas da informação que incidem em tratamentos específicos e de acordo com as características e funções das Instituições que as custodiam (Bibliotecas, Museus, Galerias de Arte, Arquivos etc.), ressalta-se, entretanto, no caso específico da fotografia que sua representação deve considerar tanto o conteúdo informacional como a expressão fotográfica.

Na sua representação a fotografia tem vários níveis de análise, comportando, em geral, as funções de: “coleta e aquisição, identificação, seleção, registro, análise documentária, criação e manutenção de sistemas de recuperação, armazenamento, preservação, recuperação e difusão.” (MOREIRO GONZÁLEZ; ROBLDANO ARILLO, 2003, p.14).

Do ponto de vista descritivo não parece haver tanta dificuldade quando se trata de fotografias, afinal segue-se o que já acontece com o material impresso, havendo uma identificação inicial no que diz respeito a autor, título, data, tamanho, local etc., contemplando a dimensão documental. Mas, indiscutivelmente, a indexação e a descrição substancial, que deve advir da leitura de imagens para além do que é visto, é o grande gargalo da fotografia em Sistemas de Informação.

Para melhor entendimento, apresentar-se-ão alguns exemplos de Instituições que possuem acervo fotográfico. No primeiro caso trata-se das fotografias da “Coleção Francisco Rodrigues” encontradas na Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ), localizada no Recife:

Figura 5 – Tela pesquisa FUNDAJ

Ministério da Educação

Fundação Joaquim Nabuco

Coleção Francisco Rodrigues - 4919 documentos
Fotografias do final do Século XIX e início do Século XX

Principal
O Projeto
Convênios e Parcerias
Home Fundaj

Clélia Cansansão de Sinimbu, "Baby"
Notas: Coleção Francisco Rodrigues, 9,2 x 6,3 cm
Fonte: FR-07778
Idioma: Português
Propriedade: Fundaj
Disponibilidade: Fundaj - Cehibra
Local Físico: FR-07778
Fundo Documental: Coleção Francisco Rodrigues

1 páginas
0,19 Mb

Maria Eugênia Albino Silva
Autor: Menna de Costa
Notas: Coleção Francisco Rodrigues, carte de visite, 10,3 x 6,2 cm
Local: Recife, Pernambuco, Brasil
Fonte: FR-07779
Idioma: Português
Propriedade: Fundaj
Disponibilidade: Fundaj - Cehibra
Local Físico: FR-07779
Fundo Documental: Coleção Francisco Rodrigues

1 páginas
0,12 Mb

Amália Coelho da Silva
Autor: Louis Piereck
Notas: Coleção Francisco Rodrigues, carte de visite, 10,5 x 6,5cm
Local: Recife, Pernambuco, Brasil
Fonte: FR-07780
Idioma: Português
Propriedade: Fundaj
Disponibilidade: Fundaj - Cehibra
Local Físico: FR-07780
Fundo Documental: Coleção Francisco Rodrigues

1 páginas
0,10 Mb

Acesso à Informação
Acervo Digital
Acervos
Base de Dados
Bibliotecas
Blog da Fundação
CANNE
CIEG
EAD
Editora Massangana
Educação em Foco
Educação Integral
Engenho Massangana
Eventos Fundaj
Exposições
ICMS Socioambiental
Inventários Documentais
Laborate
Museu
Massangana Multimídia

18:21
26/06/2014

Fonte: FUNDAJ

Como se pode perceber há uma descrição básica e no campo de Notas na verdade há uma identificação de qual coleção se trata e informações do ponto de vista de uma descrição física, acredita-se que esse campo poderia dispor um conteúdo mais aprofundado sobre a imagem. Um fator importante é o oferecimento de link para visualizar a fotografia, que é interessante para o usuário virtual.

No segundo exemplo vê-se a descrição de um item da Biblioteca Nacional (BN), sediada no Rio de Janeiro:

Figura 6 – Tela pesquisa BN

The screenshot shows the search results page for the BN (Fundação Biblioteca Nacional) catalog. The search term is 'fotografia', and 10 results are shown out of 334. The selected record is for a photograph by Miguel de Moura, titled 'A Deusa-das-flores, Ceará, [18--] M. Moura.' The record includes the following details:

- Autor:** Moura, Miguel de.
- Título:** A Deusa-das-flores, Ceará, [18--] M. Moura.
- Descrição física:** 1 foto : colódio, p&b; 24 x 18 cm.
- Estúdio:** Photographia Artística de Miguel de Moura.
- Cartão-suporte:** 35 x 27 cm.
- Nota:** Estado de conservação: regular; cartão-suporte: regular. Carimbo (tinta) do fotógrafo no cartão-suporte: "M. Moura", e do estúdio no verso: "Photographia Artística de Miguel de Moura". Anotações manuscritas a tinta no verso do cartão-suporte. Cartão-suporte com vinheta pintada em vermelho. Fotomontagem.
- Resumo:** menina segurando um buquê, sentada sobre as pétalas de uma flor.
- Assuntos:** Mulheres.
- Gênero:** Fotografia alegórica.
- Características físicas:** Fotomontagem. Cópia fotográfica de colódio.
- Autoria secundária:** Photographia Artística de Miguel de Moura.
- Localização:** FOTOS-ARM.1.1.4 (24)

Fonte: BN

Figura 7 – Tela pesquisa BN-MARC

The screenshot shows the MARC record for the same photograph as in Figure 6. The record is displayed in a structured format with fields and their values:

- 100 0_ |a Moura, Miguel de.
- 245 12 |a A Deusa-das-flores, [c M. Moura, [f Ceará, [18--]
- 300 |a 1 foto : |b colódio, p&b; |c 24 x 18 cm.
- 500 |a Negativo de segunda geração: n. 05041, triacetato de celulose (DÍMIC).
- 500 |a Estúdio: Photographia Artística de Miguel de Moura.
- 500 |a Cartão-suporte: 35 x 27 cm.
- 520 |a menina segurando um buquê, sentada sobre as pétalas de uma flor.
- 590 |a Estado de conservação: regular; cartão-suporte: regular.
- 590 |a Carimbo (tinta) do fotógrafo no cartão-suporte: "M. Moura", e do estúdio no verso: "Photographia Artística de Miguel de Moura".
- 590 |a Anotações manuscritas a tinta no verso do cartão-suporte.
- 590 |a Cartão-suporte com vinheta pintada em vermelho.
- 590 |a Fotomontagem.
- 650 04 |a Mulheres.
- 655 |a Fotografia alegórica.
- 710 2_ |a Photographia Artística de Miguel de Moura.
- 755 |a Fotomontagem.
- 755 |a Cópia fotográfica de colódio.
- 852 |a ICON
- 913 |a 100100416572424146
- 949 |a 842.072:3994-A4

Nesse exemplo encontram-se mais detalhes, onde o campo Resumo oferece uma ideia geral do que pode ser encontrado no item descrito que possui 151 fotos. Essa generalização pode ser benéfica em algum momento, contudo, em outros não. Não há visualização do material, o que restringe a consulta virtual, cria-se a expectativa de ter sido resolvida à busca, mas só pode ser constatado *in loco*.

No terceiro caso apresenta-se a descrição de uma fotografia do acervo da Biblioteca Central Zila Mamede (BCZM), em Natal/RN:

Figura 8 – Tela pesquisa BCZM

The image displays two screenshots of the SIGAA (Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas) interface. The top screenshot shows the 'Dados do Título' (Title Data) section for a specific record. The bottom screenshot shows a list of names and a table of search results.

Dados do Título (Top Screenshot):

- Registro no Sistema: 205080
- Número de Chamada: 77 A27F14 FOTOGR
- Título: [Aniversário de Luiza Maria Dantas : [ilustração]
- Sub-Título: Escola de Música da UFRN /
- Local da Publicação: Natal, RN,
- Ano Publicação: 1969.
- Descrição Física: 1 fot. :
- Resumo: Ocultar resumo
- Notas Locais: Colaboração: Glênio Manso Maciel, Luiza Maria Dantas.
- Assunto: Lima, Jarbas Borges, Dantas, Luiza Maria, Bezerra, Roberto Maranhão, Bezerra, Maria Eugénia Maranhão, Lima, Alba Lúcia Borges,

Lista de Nomes (Middle Screenshot):

- Dantas, Luiza Maria,
- Bezerra, Roberto Maranhão,
- Bezerra, Maria Eugénia Maranhão,
- Lima, Alba Lúcia Borges,
- Dias, Leonor Gonçalves,
- Romano, Marluze de Almeida,
- Garcia, Vera Lúcia Vilar,
- Dias, Isméria Maria Gonçalves,
- Lima, Maria da Salete Borges,
- Lima, Nilda Guerra Cunha,
- Neto, Miguel,
- Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- Aniversários -
- Comemorações -
- Aniversário de Luiza Maria Dantas -
- Diretora da Escola de Música da UFRN.

Tabela de Resultados (Bottom Screenshot):

Cód. Barras	Tipo de Material	Coleção	Status	Situação
2013112703	Fotografia	Multimeios	ESPECIAL	Fora de Empréstimo

Localização: 77 A27F14 FOTOGR ALBUM 27 - FOTO 14

Mostrar Detalhes

<< Voltar à Tela de Busca

Fonte: BCZM

Neste caso há uma preocupação com a descrição do que é visível na fotografia constatada no campo Resumo. Também não contempla a visualização digital do item, o que mais uma vez restringe a pesquisa virtual.

Figura 9 – Tela pesquisa LC

Title: Roy Takeno and staff meeting / photograph by Ansel Adams.
Creator(s): Adams, Ansel, 1902-1984, photographer
Date Created/Published: [1943]
Medium: 1 photographic print : gelatin silver.
 1 negative : safety film.
Summary: Roy Takeno addresses four members of his staff while seated at a desk in front of an open newspaper.
Reproduction Number: LC-DIG-ppprs-00409 (b&w digital file from original print) LC-DIG-ppprs-00014 (b&w digital file from original neg.) LC-A35-T01-4-M-11 (b&w film dup. neg.)
Rights Advisory: No known restrictions on publication.
Call Number: LOT 10479-7, no. 1 [P&P]
Repository: Library of Congress Prints and Photographs Division Washington, D.C. 20540 USA
Notes:
 - Title transcribed from Ansel Adams' caption on verso of print.
 - Original neg. no.: LC-A35-4-M-11.
 - Gift: Ansel Adams: 1965-1968.
 - Forms part of: Manzanar War Relocation Center photographs.
Subjects:
 - Takeno, Roy.--1913.
 - Manzanar War Relocation Center--People--1940-1950.
 - World War, 1939-1945--Japanese Americans--California--Manzanar.
 - Japanese Americans--California--Manzanar--1940-1950.
 - Newspapers--California--Manzanar--1940-1950.
 - Concentration camps--California--Manzanar--1940-1950.
Format:
 - Gelatin silver prints--1940-1950.
 - Group portraits--1940-1950.
 - Portrait photographs--1940-1950.
 - Safety film negatives--1940-1950.
Collections:
 - Ansel Adams's Photographs of Japanese-American Internment at Manzanar
Part of: Adams, Ansel, 1902- Manzanar War Relocation Center photographs
Bookmark This Record:
<http://www.loc.gov/pictures/item/2002696031/>

Figura 10 – Tela pesquisa LC-MARC

Tag	i1	i2	code	text
001				2002696031
003			DLC	
005				20100125133928.0
007				kh
007				er
008				020124s1943 nnn kneng
035			a	(DLC)12654878
906			a	7
			b	cbc
			c	orignev
			d	u
			e	ncip
			f	20
			g	y-printpho
035			a	(DLC)12654878
035			a	(DLC) 2002696031
010			a	2002696031
037			a	LC-DIG-ppprs-00409
			b	DLC
			c	(b&w digital file from original print)
037			a	LC-DIG-ppprs-00014
			b	DLC
			c	(b&w digital file from original neg.)
037			a	LC-A35-T01-4-M-11
			b	DLC
			c	(b&w film dup. neg.)

Esses exemplos oferecem um rápido panorama da descrição de fotografias em Sistemas de Informação e evidenciam que ainda se está incipiente quanto ao que preconizam alguns autores, no tocante à leitura de imagens para fins

documentários, ou seja, a função interpretativa ainda não reflete em informação substancial para o usuário, para além de uma descrição física do material.

Acredita-se quanto à análise de imagens, que: “O que importa na indexação e recuperação da informação fotográfica é o que ela apresenta de cultural, ou seja, quais são as leituras e usos possíveis, e quais informações devemos indexar e recuperar.” (PATO, 2010, p.160). Ainda para o autor, a leitura de uma imagem fotográfica deve iniciar com a evidência do sensível e do indicial, progredindo para a compreensão das relações simbólicas e em seguida relacionando-a ao mundo (seu caráter sociocultural e histórico). É preciso “identificar e recuperar os documentos e até fragmentos deles”, estabelecendo os diferentes níveis de análise no processo analítico descritos pelas funções Identificadora, Descritiva e Interpretativa. (MOREIRO GONZÁLEZ; ROBLDANO ARILLO, 2003, p.14).

A análise adequada implica a participação de pessoal técnico especializado e é fruto de treinamento, do fato de estar-se imbuído no contexto sócio, político e cultural do material a descrever, não só em processos de indexação de documentos, mas nos aspectos visuais e na leitura de seus significados denotativos e conotativos.

Sanados esses problemas é viável o uso da fotografia na (re) construção da memória individual e coletiva, afinal, em sua pluralidade, ela constitui-se em um documento de considerável valor histórico, antropológico, político e social. Para entender como a fotografia pode ser instrumento de memória a seção seguinte esclarece sobre o tema.

5 MEMÓRIA INSTITUCIONAL: uma construção coletiva

O processo da memória no homem faz intervir não só a ordenação de vestígios, mas também a releitura desses vestígios e assim alimenta-se a memória coletiva pela circulação da informação. Informação que na atualidade transita rapidamente pela web e compõe novos lugares de memória.

Discorrer sobre memória em pleno século XXI é seguir por uma estrada ambígua, que busca a permanência (necessária à construção da memória social) apesar da transitoriedade do mundo digital experimentada nos dias atuais. Essa efemeridade é a grande questão da sociedade hodierna, ela desafia as questões relativas à memória porque conduz para a construção de uma memória coletiva globalizada e desterritorializada.

Não se trata mais de apenas registrar e armazenar em um local (Bibliotecas, Museus, Arquivos) para rememorar, ou seja, “a memória, em sua função arquivística, já não fica mais confinada apenas a um espaço; os dispositivos informacionais fundiram o tempo longo da cultura ao tempo curto, se não vertiginoso, das tecnologias.” (HOLANDA, 2012, p.18). É necessário, contudo, olhar para trás, conectar-se com o passado, e assim entender os entremeios, as transformações e o desenvolvimento alcançado até hoje no tocante ao tema.

As imagens são os materiais da memória, traz a memória enraizada, na sua concretude elas sugerem a recordação, a lembrança, o simbolismo, a constituição de uma narrativa ou de narrativas.

Nesta seção estabelece-se uma reflexão sobre o conceito de memória imbricado à memória individual e coletiva que tem se moldado às mudanças impostas pela era pós-internet, que também está fundamentado na CI subsidiando a Organização do Conhecimento e alicerçando a memória institucional aqui discutida. Utiliza-se uma aproximação entre linguagem¹² e memória, onde a narrativa é utilizada como construtora da memória institucional do CAV-UFPE por meio das fotografias. Para tanto, referenciam-se teoricamente autores como Le Goff (2008) e Thiesen (2013), dentre outros.

Da reunião entre imagem e palavra articula-se uma memória individual que tece uma possível memória coletiva permitindo infinitas projeções, visitas e

¹² Meio pelo qual se adquire conhecimento e efetua-se a comunicação.

ressignificações. Portanto, nesse contexto, a discussão biológica¹³ não será o ponto focal, contudo é relevante expressar a afirmação de Le Goff (2008, p.419, grifo nosso) com a qual se compactua. O autor afirma que:

A memória, **como propriedade de conservar certas informações**, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.

Percebe-se assim, que, embora esse tema sofra abordagens por diferentes áreas do saber e tenha surgido fundamentalmente nas ciências humanas, ele estará intimamente ligado a questões de esfera psicológica, neurológica e biológica.

O registro e a preservação da memória são antes de tudo um desafio enfrentado pelas civilizações através dos tempos, e, em especial pelos profissionais de informação na contemporaneidade. Afinal, como construir memória nos atuais Sistemas de Informação? Como a organização documental praticada hoje possibilita o fazer memorial?

A memória é o que foi vivido, é a forma de conhecer o passado, sendo a perpetuação de um tempo, capaz de transmitir ritos, revelar mais sobre um povo, relacionando-se com lugares, costumes, práticas e construindo uma história em virtude dos seus vestígios. Compreendê-la envolve a articulação de conceitos como os de história, cultura, lembrança, imaginação e simbolismo para citar alguns, e principalmente com a narrativa. A narrativa que é um modo particular de discurso que constrói no homem um sentido de si mesmo, enquanto o norteia num mundo de relações sociais.

Corriqueiramente e no campo científico, pensar em memória induz ou remete ao passado, o que se tornou memorável individualmente ou para uma coletividade. Para alguns estudiosos ela segue uma linha de recordação, um caminho que vem do passado para o presente, entretanto, o inverso também é defendido. Por vezes, parece confluir com a história e a lembrança, supondo-se indissociável, por isso, que em vários momentos constata-se que o aprendizado do tema trata com analogias, visando facilitar o seu entendimento.

Os estudos sobre memória realçam características plurais, sendo, portanto, um termo abrangente, assim como a informação e a fotografia anteriormente

¹³ Que considera a memória uma função psicológica que caracteriza o ser humano.

discutidas. Para Pomian (2000) todo animal é portador de memória, a memória das espécies que está no material genético que é transmitido e replicado entre os seres. Essa memória animal da imitação adquire outras dimensões e possibilidades no homem devido a sua necessidade de se comunicar com os seus semelhantes para além dos órgãos dos sentidos, mas com a linguagem. É através da linguagem que o homem é capaz de transmitir o conhecimento. O autor crer que a memória é persistência e presença do passado, é uma reconstrução. Ele esclarece que os materiais da memória (fotos, documentos etc.) não são a memória propriamente dita, esta é uma representação seletiva do passado, que não é apenas do indivíduo, mas do indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional, constituindo-se em um elemento da identidade, da percepção de si e dos outros.

No universo **mitológico grego**, a memória é essencial para o conhecimento científico, tecnológico e filosófico, ela é a divindade que presentifica o passado, chamada de Mnemósine filha de Urano (o Céu) e Gaia (a Terra). Da união de Zeus e Mnemósine nascem as nove Musas (cantoras divinas) que tinham a função de guiar a sabedoria, eloquência, persuasão, história, matemática, astronomia. São elas: Calíope (Poesia Épica), Clio (História), Érato (Poesia Romântica), Euterpe (Música), Melpômene (Tragédia), Polímnia (Hinos), Terpsícore (Dança), Tália (Comédia) e Urânia (Astronomia). Essas Musas criam a relação entre a música e a arte fazendo com que o poeta no uso da palavra cantada consiga ultrapassar barreiras espaciais e temporais e assim guardar sua visão de mundo e sua história, tudo isso presidido por Mnemósine que lhes confere essa capacidade. Essa ideia de Mito diz muito sobre o conceito de memória concebido hoje, porque o Mito é a forma de explicar o mundo, de entender o princípio de tudo, ou seja, saber a origem das coisas. Nesse aspecto é o recordar que confere a imortalidade. (ROSARIO, 2002).

O mito é [...] uma manifestação de ser. Torna presente o próprio fenômeno da existência em sua plenitude de ser e de sentido, nos coloca diante da própria gênese dos deuses e homens. O mito é a palavra que revela o ser. Revela-o, note-se bem. Não o conceitua ou esgota, ou delimita-o a um sentido. O mito é antes, a revelação da própria pluralidade de sentido, ou do próprio excedente de sentido que o conceito, por sua natureza, não pode conter. Por isto, a fala do mito não conceitua, mas revela e mostra. E mostra como ser, como o 'sendo' do tempo original, em que se constituiu o ser do mundo, dos deuses e dos homens. E o mito, nas sociedades arcaicas, tem o papel essencial de re-atualizar aquilo que se passou na origem dos tempos, o que torna fundamental seu conhecimento. (ROSARIO, 2002).

A despeito de conceito, numa **abordagem filosófica**, a memória é a possibilidade de ordenar os conhecimentos do passado (que já estiveram disponíveis) e que podem ser constituídos de uma nova informação sobre esse passado ou fazer retornar uma lembrança, ou seja, apresenta-se em condições distintas: a retentiva e a recordação. Esta é a evocação do acontecimento passado tornando-o presente, enquanto àquela é a persistência (ou conservação) de acontecimentos passados que já não estão mais à vista (MEMÓRIA, 2007), o que Platão e Aristóteles chamaram respectivamente de “conservação de sensações” e “reminiscência” (ABBAGNANO, 2007, p.657), e que leva a uma relação com o tempo. Contudo, as análises filosóficas permeiam sua discussão em torno da retentiva, enquanto a psicologia trabalha com a recordação.

Em outro aspecto, é a memória também considerada **uma arte** chamada de Mnemotécnica surgida com a passagem da oralidade à escrita, que permite a memorização palavra por palavra. Pertencente a uma das cinco partes da retórica, inventada pelos gregos e transmitida a Roma, constitui-se da impressão de lugares (*loci*) e imagens na memória fazendo uso da arquitetura. Ela consente que o orador seja capaz de tecer longos discursos de cor de forma irrepreensível explorando um lugar imaginário onde estavam depositadas as imagens construídas.

Devemos pensar no orador antigo, movendo-se em imaginação, *durante* o discurso, através de sua edificação construída na memória, extraíndo dos lugares memorizados as imagens ali colocadas. O método garante que os pontos sejam lembrados na ordem certa, já que a ordem é fixada pela sequência dos lugares na tal construção. (YATES, 2007, p.19).

As mnemotécnicas são os sistemas de educação da memória que estão ligados ao campo da aprendizagem e existiram na sociedade em diversas épocas, constituíram-se como um meio para auxiliar a decorar aquilo que era difícil de reter, contudo, não se trata apenas de um registro cerebral, mas de uma ação que está composta da lembrança, que é atrelada a percepção, aos aspectos afetivos, sentimentais e valorativos.

A ideia de sagrado, que permeou a memória nas sociedades sem escrita, adquire com a mnemotécnica ares de profissionalismo, trata-se de uma memória artificial baseada na lembrança e na ordenação. Isso acontecia antes do advento da imprensa e era fundamental ter uma memória treinada, nesse contexto a visão

torna-se o mais forte dos sentidos, o que fortalece o uso das fotografias na construção aqui empreendida. Aliás, é a relação com o tempo que traz a fotografia para o terreno da memória onde ela pode ser considerada por si só ou pelo objeto que representa, remetendo-a a proposta de Aristóteles “da representação como marca (impressão) de um conhecimento passado.” (ABBAGNANO, 2007, p.657).

As técnicas de apreensão do visível têm suas origens na civilização egípcia e é André Bazin que apresenta a união do “complexo da múmia¹⁴ com a tradição da escultura, da pintura e, por fim, da fotografia.” (BATISTA Jr., 2009). O suporte imagético passou a ser utilizado constantemente para a reconstrução e veiculação da memória social, sendo a vida dos grupos registrada muito mais pela imagem do que pelos livros de memória, cartas ou diários.

No âmbito das **Ciências Documentais** a memória encontra-se na CI na raiz da Bibliografia/Documentação que inicialmente concentrou-se no registro do conhecimento científico, ou seja, na memória intelectual da civilização. (PINHEIRO, 2005). Para compensar o esquecimento, o homem buscou transpor suas limitações valendo-se das memórias artificiais, nesse caminho viu surgir os locais que por praxe guardam e possibilitam o acesso aos registros (Bibliotecas, Museus, Arquivos), assim como novos campos do saber (Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia). “Essas disciplinas estabelecem diretrizes e parâmetros para as práticas profissionais relacionadas aos registros de memória – no caso, os documentos – e reconhecem a função social desempenhada por seus profissionais na sua preservação e divulgação.” (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2011, p.312).

Na verdade, não há uma preocupação com o tema da memória por parte dos pesquisadores da CI, e é no Tratado de Documentação, de Paul Otlet, que aparece, de forma não explícita o termo memória sob a ideia de formação e conservação de uma memória do conhecimento através da preservação dos registros da informação. É no século XX que as práticas documentais ampliam-se em virtude do crescimento dos registros de informação e da necessidade de possibilitar o acesso a esse conhecimento registrado, originando assim a Documentação. A CI vem posterior à 2ª Guerra Mundial, no contexto das transformações sociais e inovações tecnológicas, buscando estudar e solucionar os problemas referentes à transferência da informação. (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2009; 2011).

¹⁴ A mumificação é um método de preservar artificialmente os corpos das pessoas e animais mortos.

Com o volume excessivo de informações aliado a uma constante atualização tecnológica é imposta uma nova postura quanto ao armazenamento e salvaguarda do que se produz a fim de ensejar o conhecimento. Há assim um repensar nas áreas da Documentação, Biblioteconomia, CI, Arquivologia e nas Ciências Sociais e Humanas de forma geral, impulsionado pela novidade “do desfazimento da territorialidade” (HOLANDA, 2012, p.18), que assim modifica os lugares e sujeitos da memória.

Devido ao caráter interdisciplinar da CI, o conceito de memória e suas concepções modificam-se conforme uso, abordagem e contexto que está inserido, e o tema é mais presente em textos que tratam de Gestão do Conhecimento. (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2009).

Na abordagem pelo viés da **História**, foi a memória oral por muito tempo a única maneira de perpetuar os feitos e os costumes das civilizações por ser a oralidade a forma básica de linguagem humana. Nesse sentido, a dimensão narrativa exerceu especial importância nessas sociedades que não dispunham da memória através da mnemotécnica, mas em função de uma “reconstrução generativa” (LE GOFF, 2008, p.426) que permitia mais liberdade e criatividade, possível razão para uma vitalidade da memória coletiva na época.

Com a escrita o mundo experimentou uma nova tecnologia, que produziu mudanças nas vidas e nos discursos das pessoas, alterando seus modos de pensamento e auxiliando na memória. A escrita foi elaborada e criada na antiga Mesopotâmia apesar de na pré-história já haver comunicação por meio de desenhos nas paredes das cavernas, contudo, não havia organização e padronização nas representações gráficas não configurando assim um tipo de escrita.

A escrita revolucionou a memória coletiva e desenvolveu duas formas de memória: o Monumento (a comemoração, celebração, inscrição de um acontecimento memorável) e o Documento escrito. As inscrições tiveram seu auge na Grécia e Roma antigas, onde “acumulavam-se e obrigavam o mundo a um esforço extraordinário de comemoração e de perpetuação da lembrança.” “Mas importa salientar que [...] todo documento tem em si um caráter de monumento e não existe memória coletiva bruta.” (LE GOFF, 2008, p.428). São os vestígios da memória que se encontram gravados nos monumentos, documentos, imagens e relatos da história da sociedade que correspondem à dimensão coletiva e

social, evidenciando também que a memória possui uma dimensão pessoal e introspectiva (interior).

Na questão coletiva da memória, Lovisolo (1989) esclarece que essa memória deve ser preservada e que ela é uma leitura seletiva que contém esquecimento e lembrança. Para ele a memória que é valorizada é a reconhecidamente histórica e coletiva, ou seja, a que valoriza a nação, a identidade étnica e religiosa, que reflete o caráter coletivo. Há assim, uma luta silenciosa entre tradição e cultura onde se desvaloriza a memória individual em detrimento da coletiva. E, em sua opinião, “[...], é no campo do pensamento social ou pedagógico sobre a formação dos homens que uma história da memória pareceria ter um lugar fecundo de reflexão e experimentação.” (LOVISOLO, 1989, p.18).

A questão do esquecimento no que tange ao campo da memória é algo intrínseco, afinal, deseja-se lembrar daquilo que é passível de perda total. Em parte, a virtualidade dos tempos modernos, desafiada pela efemeridade, impulsiona a criação de mecanismos para a preservação. Tal inquietação fica clara nas palavras de Monteiro, Carelli e Pickler (2008), quando colocam que o ciberespaço fez crescer a preocupação com a preservação dos saberes por ser um mundo virtual e desterritorializado, o que o caracteriza como inconstante “no qual os dados se encontram em interminável movimento e se sucedem, se modificam, se interagem e se excluem.” Nesse âmbito a “preservação da informação e do conhecimento é questionada, pois, estando no ambiente virtual, não há garantias de que uma informação esteja disponível após certo tempo.”

Em contrapartida, há o outro lado do ciberespaço que permite e possibilita que histórias sejam divididas e recontadas, por exemplo, a partir de uma foto ou de um texto divulgado, onde as pessoas colocam comentários e suas impressões sobre o fato trazendo lembranças e/ou acrescentando detalhes, localizações etc., ou seja, onde a memória pode ser ressignificada. Um caso marcante e conhecido na mídia escrita e televisiva é o da fotografia da *Passeata dos 100 mil*¹⁵, do fotojornalista Evandro Teixeira. Uma imagem de sua autoria permitiu reconhecer com perfeição, após 40 anos, os rostos das pessoas na fotografia realizada em 1968, e a partir disso foi possível resgatar o destino das 100 pessoas que ali foram registradas,

¹⁵ A Passeata dos Cem Mil foi uma manifestação popular contra a Ditadura Militar no Brasil. Organizada pelo movimento estudantil, ocorreu em 26 de junho de 1968, na cidade do Rio de Janeiro, e contou com a participação de artistas, intelectuais e outros setores da sociedade brasileira.

possibilitando a construção da memória coletiva a partir de histórias compartilhadas de um fato.¹⁶

Outro exemplo é o Museu da Pessoa com o foco na narrativa pessoal e institucional para fazer memória de forma socializada. Fundado em São Paulo, em 1991, trata-se de um museu virtual e colaborativo que tem como objetivo registrar, preservar e transformar em informação, histórias de vida de toda e qualquer pessoa da sociedade. Com uma construção e renovação diária do acervo, atualmente, conta com mais de 16 mil depoimentos em áudio, vídeo e texto, e também possui cerca de 70 mil fotos e documentos digitalizados. É um acervo que revela, de forma humana e pessoal, a diversidade de experiências e visões de brasileiros, constituindo-se em um legado diferenciado da história do país. Em quase 24 anos de história, o Museu da Pessoa inspirou a construção de três museus fora do Brasil (Portugal, Canadá e Estados Unidos) e liderou campanhas internacionais para a valorização de histórias de vida. Ao longo de sua trajetória, o Museu da Pessoa também realizou cerca de 250 projetos de memória, nas áreas de Memória Institucional, Educação, Desenvolvimento Comunitário e Cultura.¹⁷

Nesse cenário apresentado acima, observa-se o resgate da narrativa. O processo de narração pode ser configurado através da palavra ou da imagem, ou ainda da junção das duas, em qualquer das ocorrências são formas distintas de expressão do ser humano. Nesse caso não há hierarquia entre as formas, elas funcionam como complementares e influenciarão mais ou menos no indivíduo de acordo com características pessoais. Nessas circunstâncias, essa influência pode ser explicada pela psicologia cognitiva através da teoria das múltiplas inteligências de Gardner (1994), que acredita na autonomia de diversas competências individuais, as quais ele dividiu em sete e enumerou como: inteligência linguística, inteligência interpessoal, inteligência intrapessoal; inteligência lógico-matemática, inteligência musical, inteligência espacial e inteligência corporal cinestésica.

A narrativa é uma atividade humana no uso da linguagem, e configura-se em um modo de comunicação que ultrapassa a questão do simples relato, ela mostra (de diferentes maneiras) como o ser humano experencia o mundo. Constitui-se

¹⁶ As 100 pessoas selecionadas na foto foram fotografadas novamente por Evandro na Candelária e contaram a sua história, lembraram o que as levou até a passeata, como suas vidas transcorreram dali para frente e o que elas fazem hoje. Para mais informações consultar: TEIXEIRA, Evandro. **1968 destinos 2008: passeata dos cem mil**. Rio de Janeiro: Editora Textual, 2008. 120p.

¹⁷ Ver: <http://www.museudapessoa.net/pt/entenda/o-museu>

numa relação com o tempo, o espaço e também é uma forma identitária. Seu significado está além do fato de apenas narrar, em seu simbolismo está permeada de um sentido social e histórico. Na ciência tem sido estudada por diferentes campos do saber e apresentado potencialidade como método de investigação, reflexão e formação.

A arte de narrar encontra encantamento e respaldo na obra do filósofo alemão Benjamin (1994) ao tecer considerações sobre o tema na análise da obra de Leskov, que culmina em um texto central que impulsionou vários estudos. No texto analisado ele apresenta formas distintas de narrativa, entre elas a historiografia clássica, a epopeia grega, a crônica medieval, o romance de cavalaria e o conto popular. O autor acredita na narração como experiência de vida, onde o narrador se abastece da experiência que é passada de pessoa a pessoa. Sendo a narrativa uma exposição de lembranças que conserva suas forças e desenvolve-se apesar da passagem do tempo, ela é uma forma artesanal de comunicação. Ele avalizou que a narrativa está em extinção porque as pessoas não conseguem mais trocar experiências, estão privando-se da comunicação verbal, e um dos fatores ele atribui à imprensa e sua maneira de “informar”. A abordagem dos fatos feita pela imprensa incomoda o autor que acredita na narrativa como troca de experiências e como interpretação, o que não ocorre com a imprensa que já oferece a informação pronta, explicada. E a esse respeito Benjamin (1994, p.204) esclarece,

A informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver.

Na citação acima ele deixa claro a desarmonia entre narrativa e informação, a primeira suscita a reflexão enquanto a outra vive na efemeridade, só encanta enquanto é novidade. Por isso, ele acreditou que a narrativa tradicional estava perdida para sempre, a modernidade fez se dissipar a capacidade de contar histórias, o narrador distanciou-se desse ato. Contudo, muitos estudos da década de 1990, com ênfase na área de educação, têm utilizado a narrativa como método de investigação tanto no ensino como na pesquisa dessa área.

A narrativa ocupa-se em traduzir o saber para o contar, ela é a expressão dos momentos de importância que fazem parte da memória cultural e individual. A

narrativa permeia o discurso cotidiano, mas também pode ser reservada para momentos especiais, marcado por contextos específicos onde os membros de um grupo se juntam para se divertirem e se comunicarem. (LANGDON, 1999).

Sobre a narrativa no ensino, esclarece Cunha (1997) que as descobertas com sua utilização (oral ou escrita) levam a definir que ela está permeada de reinterpretações e significados, que em muito reflete a representação que o sujeito narrador tem da realidade, ou como colocou Benjamim (1994), da experiência. Ao refletir quando do ato de narrar, o indivíduo conduz-se a uma autoanálise e cria outras bases de compreensão de sua prática educacional. Para a autora “o fato da pessoa destacar situações, suprimir episódios, reforçar influências, negar etapas, lembrar e esquecer, tem muitos significados e estas aparentes contradições podem ser exploradas com fins pedagógicos.” (CUNHA, 1997). O que encontra confluência com a memória que pode ser ativada pela fotografia e, pela fotografia que está permeada de memória, além da própria organização do conhecimento que é gerada e que faz circular a informação nesse contexto narrativo.

Nesse terreno fértil da narrativa se introduz a fotografia, que aí encontra ancoradouro. Seu potencial como documento e dispositivo que ativa a memória alia-se assim a ela ao trazer ao espectador um novo conhecimento quando ouve um relato de vida, ao possibilitar (re)viver histórias e até conseguir inserir-se no ambiente narrado.

A sequência proporcionada pelas fotografias confere um movimento às imagens, o qual traz em si a marca da continuidade, da progressão temporal inerente à narrativa, e presentifica as ações das personagens. Nesse processo, **as imagens que resistem ao esquecimento são devolvidas à vida quando iluminadas pelo relato.** (RONNA, 2003, p.174, grifo nosso).

A busca por consolidar uma memória através da narrativa, além dos fatos já elencados, também é uma tentativa de sanar um problema comum quanto à memória coletiva atualmente: a influência política, de gerência na gestão da informação e de mudanças tecnológicas sofridas por Instituições públicas que custodiam acervos, ou “os lugares de memória” que Nora (1993) conceitua. Através da Narrativa intentou-se uma isenção quanto às questões acima citadas.

Este cenário, no qual se defrontam questões de ordem teórica, tecnológica e gerencial, parece apontar para a necessidade de explicitar definições ou concepções de memória que operem no

sentido da preservação dos registros informacionais relevantes para a construção da memória social. (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2009, p.223).

Estabelecer o que será a memória institucional não se constitui em tarefa fácil, essa atividade complexa exige que haja uma metodologia o mais completa possível e que não apresente tendências, ou seja, não reflita valores políticos e pessoais, contudo, seja capaz de atender aos anseios dos consulentes. Afinal,

As instituições quando expõem a sua memória têm a oportunidade de resgatar sua imagem perante a comunidade, notadamente como é o caso de instituições de ensino, que sempre trazem grandes impactos para as sociedades nas quais estão inseridas. (MORENO; LOPES; DI CHIARA, 2011, p.4).

O reconhecimento da importância da existência de uma instituição deve refletir-se na preservação de sua história, ou seja, de seus valores, de sua identidade e do saber acumulado. Para Thiesen (2013), o conceito de memória institucional não é simples, antes é preciso estabelecer as diferenças entre organização e instituição e buscar entendimento do processo de institucionalização das relações sociais porque as instituições são feitas de práticas sociais que não podem ser ignoradas. Para ela, o importante na formação do conceito de memória institucional é poder perceber os aspectos instituintes e o caráter formalizador de realidades.

Essas considerações sobre instituição implicam diretamente na escolha do material a ser arquivado, nas diretrizes a serem definidas para essas escolhas, na transparência de informações, no trabalho conjunto com uma equipe multidisciplinar, bem como se está imbuído da realidade afetiva e social do local.

Diante do referencial teórico aqui disposto para análise e apreensão dos conhecimentos necessários ao desenvolvimento do estudo, apresenta-se na seção seguinte o detalhamento da pesquisa na descrição do seu método.

6 MÉTODO

É a pesquisa um processo formal, que busca soluções para um problema por meio do uso de procedimentos científicos, com objetivo de conhecer a realidade da questão ou descobrir verdades parciais. Nesta Seção são expostos os procedimentos escolhidos, assim como a trajetória percorrida.

6.1 Caracterização da Pesquisa

A presente pesquisa tem como objeto de estudo a Organização da Informação como meio para a composição da memória, partindo-se da hipótese que a fotografia e a narrativa são elementos constituintes da memória individual e coletiva.

Designa-se como exploratória ao buscar aprimorar ideias e proporcionar visão geral e maior familiaridade com determinado fato, na intenção de o tornar explícito ou constituir hipóteses. De planejamento mais flexível, normalmente esse tipo de pesquisa envolve levantamento bibliográfico, entrevistas não padronizadas e análise de exemplos. (GIL, 2008).

De procedimento bibliográfico e documental, ela está inserida na temática que norteia às dimensões teórico-conceituais da Organização da Informação e do Conhecimento. Logo, busca-se responder ao seguinte questionamento:

Como a organização do acervo fotográfico digital do CAV pode contribuir para a preservação da Memória Institucional do próprio Centro?

Para tanto, propôs-se, em âmbito geral, estratégias de organização de um acervo fotográfico digital para fins de construção da memória institucional. Em termos específicos buscou-se:

- Selecionar as fotos digitais;
- Sugerir categorias temáticas para a organização do referido acervo;
- Propor a catalogação a ser utilizada para um fazer memorial.

No primeiro processo, que é o levantamento de dados, a pesquisa bibliográfica foi efetivada por meio de relatórios anuais do CAV, reportagens em jornal, fotografias, assim como consultas a livros, periódicos, anais, dissertações e teses de autores da CI (com foco na OC), da fotografia, da narrativa e da memória, a fim de se aproximar do tema e delinear a estrutura teórica que encadeia a pesquisa.

O desenvolvimento dos processos específicos da pesquisa se apresenta conforme as seguintes etapas:

a) Reunião das fotografias

Nesse momento se buscou sensibilizar a comunidade universitária para que participassem enviando fotos que fossem concernentes ao CAV e tudo que pudesse atestar os acontecimentos desde sua implantação em 2006. Para tanto, utilizou-se a mala direta, o canal de comunicação adotado pelo Centro que dá ciência de tudo que envolve a administração geral e gestão de pessoas. Por essa via foi repassado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) da pesquisa (ver Apêndice A), procedendo à solicitação de envio das fotografias para um e-mail específico.

Devido à baixa adesão essa etapa não obteve sucesso, então foi necessário mudar a estratégia. Entende-se que essa fase seja de difícil consecução por depender de tempo para escolha e envio das fotografias, além de uma lembrança para constituir os comentários solicitados. Essa dificuldade ocorre porque as pessoas têm feito o registro através de dispositivos móveis, que não oferecem boa resolução, e que em sua maioria são apagados posteriormente à divulgação na web, e quando feito por câmeras fotográficas, em muitos casos se encontram desorganizados os acervos pessoais impossibilitando a recuperação da imagem.

Diante desse panorama, optou-se por restringir a análise ao acervo digital da autora com um total de 1.210 fotografias digitais realizadas no período de 2010 a 2014, o que limita a construção a um olhar em particular (ver Quadro 2). Os registros revelam as atividades corriqueiras da Biblioteca como treinamentos, lançamento de livro, reuniões, espaço físico etc., e quanto ao Centro, algumas atividades comemorativas e o espaço físico de modo geral.

Quadro 2 – Quantitativo de fotografias

FOTOGRAFIAS	
2010	129 imagens
2011	119 imagens
2012	396 imagens
2013	305 imagens
2014	261 imagens
TOTAL	1.210 imagens

Fonte: A autora

Deste total foram selecionadas 05 imagens de cada evento fotografado, que totalizam 200 fotografias, utilizadas como referência para análise, constituindo-se assim no corpus desta pesquisa. As fotos foram selecionadas em função de seu valor como documentos que retratam aspectos importantes da trajetória da instituição e de seus personagens. Em sua maioria versam sobre o espaço físico, reformas, prédios, eventos comemorativos como confraternizações, visitas de políticos, retratos, atividades como treinamentos etc. (ver Quadro 3). Essa amostragem por acessibilidade ou por conveniência é isenta de rigor estatístico, sendo utilizada em pesquisas exploratórias onde “o pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam, de alguma forma, representar o universo.” (GIL, 2008, p.94).

Quadro 3 – Detalhamento das fotografias

Espaço físico (já existente, reformas, ampliações etc.)	387 imagens
Eventos (visitas técnicas, lançamento de livro etc.)	226 imagens
Eventos sociais (confraternizações, aniversários, missa etc.)	390 imagens
Projeto de extensão (Clicav)	69 imagens
Recursos humanos	33 imagens
Retrato	92 imagens
Treinamentos	13 imagens
TOTAL	1.210 imagens

Fonte: A autora

Todas as imagens estão organizadas no computador e em HD externo por pastas. Uma pasta geral corresponde ao ano, dentro desta tem uma subpasta com cada evento fotografado e respectiva data no estilo: AAAA_MM_DD (ano completo, mês e dia) e nome do evento. Ex: Pasta 2011 – subpasta 2011_08_30Missa_5anos_CAV, conforme a categorização elas passam para a pasta correspondente. Por isso, após cuidadosa análise das fotografias partiu-se para a etapa de criação das categorias.

b) Criação das categorias

Nesta etapa se valeu da Análise Documental (AD), da tematização e da técnica de observação das atividades e do ambiente onde se desenvolve a pesquisa, perfeitamente aceitável em estudos exploratórios conforme Gil (2008). A observação direta, segundo Richardson (2012, p.259) “sob algum aspecto, é imprescindível em qualquer processo de pesquisa científica, pois ela tanto pode conjugar-se a outras técnicas de coleta de dados como pode ser empregada de forma independente e/ ou exclusiva”.

Para elaborar as categorias, ainda que nesta pesquisa não se tenha optado por adotar a técnica de Análise de Conteúdo (AC)¹⁸, buscou-se acompanhar as recomendações de Bardin (2011) quanto à qualidade das categorias, que são:

¹⁸ O que se pretende posteriormente como extensão desta pesquisa.

- Exclusão mútua – cada elemento só pode estar em uma categoria;
- Homogeneidade – para definir uma categoria, é preciso haver um único princípio ou critério de classificação;
- Pertinência – as categorias devem dizer respeito às intenções do investigador, aos objetivos da pesquisa às questões norteadoras, às características da mensagem, etc.;
- Objetividade e Fidelidade – se as categorias forem bem definidas, se os índices e indicadores que determinam a entrada de um elemento numa categoria forem bem claros, não haverá distorções devido à subjetividade dos analistas; e
- Produtividade – as categorias serão produtivas se os resultados forem férteis em inferências, em hipóteses novas, em dados exatos.

Vale salientar que a definição de categorias considerou a ideia de formar Coleção¹⁹, não apenas no sentido de reunir unidades avulsas de fotografias. A reunião por categorias possibilita estudar o conjunto se valendo da narrativa fotográfica. Nesse sentido, “as categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos [...] sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão das características comuns destes elementos.” (BARDIN, 2011, p.147).

O objetivo foi inicialmente criar categorias gerais, onde serão inseridos novos elementos à medida que haja os desdobramentos naturais advindos com a implantação e obtenção de novas imagens. A seguir são elencadas as categorias e seus respectivos significados:

¹⁹ Coleção como um todo orgânico, uma unidade, onde cada elemento tem sentido individual e coletivo. (PAVÃO, 1997).

Quadro 4 – Categorias

CIENTÍFICO	Unidades de significação que evidenciem formação acadêmico-profissional, como pesquisas, atividades dos laboratórios, biotérios etc.
SOCIAL	Unidades de significação que tratam de Eventos socioinstitucionais, como projetos de extensão, festas, eventos anuais de socialização entre funcionários, docentes e discentes; lazer e religiosidade.
ESTRUTURA	Reúnem-se as unidades de significação que representam questões físicas, de funcionamento do Centro, como segurança, espaço, limpeza, acessibilidade, entre outros.
POLÍTICA	Visitas de governantes locais e externos, reuniões administrativas com políticos, reitor e alto staff.
RETRATO	Retratos dos técnicos administrativos e docentes.

Fonte: A autora

c) Catalogação proposta

Tomou-se por referência o formato bibliográfico MARC 21 (utilizado pelo Sistema de Bibliotecas da UFPE por meio do catálogo Pergamum) e o padrão de metadados *Dublin Core*, que é o utilizado no *DSpace*.

Por ser um formato utilizado em todo o SIB-UFPE e nacionalmente por grandes Instituições de ensino, não se pretendeu fugir do padrão, contudo, buscou-se acrescentar um tratamento específico quanto à fotografia na construção da memória com o acréscimo do campo específico para inserção dos Comentários (constituído pela narrativa de um agente externo – não catalogador - que esteja no contexto de vida do CAV seja como funcionário, aluno, egresso ou discente) para um fazer memorial.

Por questões estruturais do Sistema e por ainda não ser prática do SIB-UFPE (que não tem acervo fotográfico inserido no Pergamum) aproveitou-se o projeto piloto da BIB-CAV com o *DSpace* para também utilizar esta plataforma, uma vez que há flexibilidade na criação de metadados, por aceitar o formato digital (no caso das fotografias em questão) e ser disponibilizado via web.

Os Repositórios Institucionais (RI) surgiram nos anos noventa do século passado como uma estratégia para intercâmbio de *preprints*, para possibilitar o acesso à informação científica com a intenção de coletar, preservar e disseminar a produção intelectual de uma Instituição de pesquisa. O *DSpace* é um projeto

cooperativo de desenvolvimento liderado pelas bibliotecas do Massachusetts Institute of Technology (MIT) e pelos laboratórios da corporação Hewlett-Packard (HP), conduzido sob as diretrizes da *DSpace Federation*, é completamente personalizável visando atender às necessidades de qualquer organização. Em sua página está descrito como “um sistema de repositório digital inovador que captura, armazena, indexa, preserva e redistribui materiais de pesquisa em formato digital produzida por comunidades acadêmicas dentro do contexto de organizações de pesquisa e de universidades”²⁰.

É um software de alcance livre e código aberto, que se baseia na web para acesso, teve seu lançamento em 2002, mas só foi criada a versão brasileira em 2004 através do pioneirismo do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) que customizou o software e distribuiu em nível nacional. O *DSpace* visa criar os Repositórios Digitais com funções de armazenamento, gerenciamento, preservação e visibilidade da produção intelectual, sendo utilizado por Instituições educacionais, governamentais, comerciais e privadas.

Em virtude de a autora ser Fotógrafa e Bibliotecária lotada no referido Centro desde 2010, já houve a preocupação em registrar a Biblioteca (local que exerce suas funções) em particular e eventualmente o Centro como um todo.

6.2 Proposta de Organização do Acervo

Pela abrangência da fotografia no cotidiano das pessoas e pelas funcionalidades da era digital (rápida produção, edição e revisão; distribuição mundial; solução para o armazenamento em longo prazo), o acervo já iniciou em formato digital. A intenção é que reflita a história da Instituição, onde se possa conhecer todo processo que permeia as questões administrativas, a gerência estrutural e de pessoas, as transformações ocorridas em quase nove anos de atividades, que são frutos do projeto de reestruturação do ensino superior público, em resposta à sociedade pelo investimento público.

²⁰ Disponível em: www.dspace.org

A proposição dos metadados para descrição das fotografias, está apoiada no MARC 21 (utilizado no Pergamum) e no padrão *Dublin Core*, que é o utilizado no *DSpace*.

Os metadados propostos nesse estudo estão discriminados a seguir:

AUTOR / FOTÓGRAFO	Dados de Autoria que devem conter nome completo e pseudônimo, se houver.
TÍTULO	Elemento criado pelo indexador quando não vier indicado pelo autor.
LOCAL E ANO	Em que a imagem foi feita. Deve ser específico, descrevendo o melhor possível o ambiente onde a foto foi feita, tais como prédio, campus, dia, mês e ano.
DADOS TÉCNICOS	Pode ser o EXIF, encontrados em "Propriedades".
RESUMO	Elemento criado pelo indexador, que deve trazer, de forma concisa, informações relevantes sobre o contexto da fotografia que possam situar pessoas no tempo e lugar, sendo o mais específico possível.
PALAVRAS-CHAVE	Palavras representativas do conteúdo da fotografia que devem ser escolhidas, preferencialmente, em vocabulário controlado. Orienta-se a utilização de no mínimo três (03) e no máximo cinco (05).
CATEGORIA	Criada pela autora que consta em lista específica para consulta.
NARRADOR 1	Dados sobre o narrador (nome completo, profissão e posição dentro da Instituição).
NARRATIVA 1	Conforme informado pelo Narrador 1.
NARRADOR 2	Dados sobre o narrador (nome completo, profissão e cargo dentro da Instituição).
NARRATIVA 2	Conforme informado pelo narrador.
NOTAS	Acréscimos relevantes que não cabem nos itens anteriores.

Assim, após a criação dos metadados para o acervo fotográfico do CAV se apresentam a seguir os respectivos exemplos, onde constam os campos especificados devidamente preenchidos.



AUTOR / FOTÓGRAFO	Roseane Souza de Mendonça (Roseane Souza)
TÍTULO	Internet remota
LOCAL E ANO	Vitória de Santo Antão, Biblioteca Setorial do CAV, acervo circulante no térreo, 2014.
DADOS TÉCNICOS	JPEG - Colorida Câmera compacta Nikon Coolpix S3500V1.0 Dimensão 5152 x 3864px; Tamanho 7,72MB; 300dpi
RESUMO	A internet no Centro para trabalhar era de acesso remoto (dependia do Campus Recife) e a wi-fi de difícil acesso, quase impossível.
PALAVRAS-CHAVE	Wi-fi; Problemas; Acesso.
CATEGORIA	Estrutura
NARRADOR 1	Giane da Paz Ferreira Silva Bibliotecária Coordenadora da BIB-CAV
NARRATIVA 1	“Ao ver essa foto me vem à mente a necessidade e dependência da rede que a sociedade enfrenta atualmente. Nesse momento as estantes e as coleções impressas são meros instrumentos de apoio para facilitar a comunicação com o virtual. Este foi um momento de crise de acesso a rede vivido no CAV em 2014, a conexão à internet estava inviável e o sinal só era possível em alguns lugares, o que culminou com a reestruturação da rede, resultando na troca de equipamentos e aumento da velocidade da rede.”
NOTAS	Foto capturada em 14/04/2014 com ISO 200, abertura de diafragma f3.4, velocidade do obturador 1/25s, distância focal de 5mm



AUTOR / FOTÓGRAFO	Roseane Souza de Mendonça (Roseane Souza)
TÍTULO	Missa de 5 anos
LOCAL E ANO	Vitória de Santo Antão, CAV, pátio externo próximo aos laboratórios e antes do auditório, 2011.
DADOS TÉCNICOS	JPEG - Colorida Câmera Canon EOS 7D; Dimensão 5184 x 3456px; Tamanho 7,15MB; 72dpi
RESUMO	-
PALAVRAS-CHAVE	Religião; Missa comemorativa; 5 anos.
CATEGORIA	Social
NARRADOR 1	Giane da Paz Ferreira Silva Bibliotecária Coordenadora da BIB-CAV
NARRATIVA 1	“Penso na dificuldade de inserir a presença de Deus no meio laico como é a Universidade. Significa religiosidade na missa dos cinco anos do CAV na busca e desafio de dar lugar ao sagrado. Essa missa ocorreu em 2011 e foi em ação de graças pelas conquistas de construção dos anexos e novos prédios do CAV.”
NOTAS	Captura em 30/08/2011 com ISO 400, abertura de diafragma f6.3, velocidade do obturador 1/125s, distância focal 28mm sem flash, exposição manual, balanço de branco automático, representação de cores sRGB.



AUTOR / FOTÓGRAFO	Roseane Souza de Mendonça (Roseane Souza)
TÍTULO	Projeto Clicav
LOCAL E ANO	Vitória de Santo Antão, Biblioteca do CAV, 1º pavimento no térreo, 2011.
DADOS TÉCNICOS	JPEG - Colorida Câmera Canon EOS 7D; Dimensão 5184 x 3456px; Tamanho 7,11MB; 72dpi
RESUMO	Aula do projeto de extensão: CLICAV – um olhar digital, que consiste em minicursos de Informática oferecidos em módulos para crianças e adolescentes de comunidades circunvizinhas ao CAV. É completamente voluntária a adesão para ministrar as aulas, acontece aos sábados.
PALAVRAS-CHAVE	Projeto de extensão; Biblioteca; Comunidade.
CATEGORIA	Social
NARRADOR 1	Giane da Paz Ferreira Silva Bibliotecária Coordenadora da BIB-CAV
NARRATIVA 1	“Remete a sensação de dever cumprido e da grande emoção de ver a comunidade usufruindo dos espaços da Universidade. É a apropriação do que não é próprio desses jovens. Esta foi a aula de abertura do projeto CLICAV. Como toda primeira aula a sensação de ver todos aqueles jovens na biblioteca e muito deles acompanhados pelos pais não tem preço. A Universidade literalmente se torna parceira da comunidade.”
NOTAS	Captura em 03/09/2011 com ISO 640, abertura de diafragma f6.3, velocidade do obturador 1/120s, distância focal 28mm com flash, exposição manual, balanço de branco automático, representação de cores sRGB.



AUTOR / FOTOGRAFO	Roseane Souza de Mendonça (Roseane Souza)
TÍTULO	Ministro da Educação
LOCAL E ANO	Vitória de Santo Antão, Biblioteca Setorial do CAV, pavimento térreo, 2013.
DADOS TÉCNICOS	JPEG - Colorida Câmera Canon EOS 7D; Dimensão 5184 x 3456px; Tamanho 6,15MB; 72dpi
RESUMO	Visita do então ministro da educação Aloísio Mercadante
PALAVRAS-CHAVE	Reinauguração Biblioteca; Ministro da Educação.
CATEGORIA	Política
NARRADOR 1	Ana Lígia Feliciano dos Santos Bibliotecária
NARRATIVA 1	“Lembro que esse foi o dia da inauguração da Biblioteca e além da quantidade corriqueira de alunos, havia ainda muitas pessoas do campus Recife, das outras Bibliotecas do SIB, e a visita do ministro Mercadante, que chamou bastante atenção. Fazia pouco tempo do fim da reforma e os novos espaços da biblioteca ainda eram uma novidade. Lembro ainda que Giane foi muito elogiada pelo desenvolvimento da biblioteca sob a sua coordenação.”
NOTAS	Captura em 18/01/2013 com ISO 250, abertura de diafragma f6.3, velocidade do obturador 1/60s, distância focal 28mm com flash, exposição manual, balanço de branco automático, representação de cores sRGB.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para apresentar os resultados, retomam-se aos objetivos. Em âmbito geral propôs-se estratégias de organização do acervo fotográfico digital do CAV para fins de construção de uma possível memória institucional. E de forma específica: selecionar as fotos digitais; sugerir categorias temáticas para a organização do referido acervo; e propor a catalogação a ser utilizada para um fazer memorial.

Identificou-se que a construção da memória institucional é um desafio de considerável proporção, o CAV ainda está em franca consolidação passando por modificações estruturais de espaço físico, bem como a inclusão de novos cursos. Perceber o impacto de sua chegada ao interior do estado de Pernambuco com as mudanças causadas na vida das pessoas e da região, e tentar deixar registrado isso por meio das fotografias será um desafio permanente. A avaliação arquivística se faz necessária para fins de institucionalização, por isso, uma equipe multidisciplinar para avaliação das imagens deve ser composta.

Quanto à seleção das fotografias e criação das categorias foi observada a necessidade de despender esforços conjuntos para entender um Sistema de Informação (SI) e conhecer suas diretrizes.

Na catalogação, ao se fazer uso da Organização do Conhecimento e suas ferramentas, percebeu-se que há um padrão a ser seguido, em contradição a ideia individual de conhecimento, mas que tem sido necessário para depurar e tornar disponível a informação gerada e que circula globalmente. Sendo assim, os profissionais da informação vivem em constante mudança, precisam dotar-se de uma gama de habilidades intelectuais e cognitivas para conseguir disponibilizar a informação de forma mais abrangente possível, mas são enquadrados a reduzir o conhecimento ao descrevê-lo em um SI. Por ser transdisciplinar, a CI cria intercessão com várias áreas do saber, mas carece de uma receptividade aos processos interpretativos.

Quanto à questão da memória, entendeu-se que não pode ser uma vontade isolada, trata-se de uma construção coletiva. E fazê-la ou reativá-la através da narrativa parece quase impossível diante da falta de comunicação **pessoal** na acelerada vida moderna, que cada vez mais tem sido deixada de lado em tempos de redes sociais, *whatsApp*, *twitter* e tantos outros. Assim, a pesquisa aqui

desenvolvida não é conclusiva, trata-se de um processo que não é imediato e que envolve consecução em longo prazo. Principalmente, quanto ao tempo para obtenção das narrativas.

A fotografia estampa a vida humana cotidianamente, ela permeia o imaginário social, induz comportamentos, direciona o olhar e molda o mundo ao nosso redor. Ao se constituir em objeto de estudo pela CI passa a ser tratada como documento e luta contra o aprisionamento descritivo, eis mais uma contradição. Muito tem sido criado para análise e descrição de fotografias em SI, contudo, tem-se podado a capacidade narrativa, e ela, a narrativa, tão essencial ao fazer memória.

Concluiu-se que o estudo é inovador quanto à descrição em SI, o que implica na aceitação de novos metadados e no saber específico na leitura de imagens. Acredita-se que a narrativa abre novas possibilidades na OC visando o fazer memorial e que é necessário que haja flexibilização nos SI para abraçar os processos interpretativos. Por tudo isso, os objetivos foram alcançados.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5.ed. rev. ampl. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 1014p.
- ALMEIDA, Carlos Cândido de. Sobre o pensamento de Peirce e a organização da informação e do conhecimento. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.7, n.1, p.104-120, mar. 2011. Disponível em: <<http://www.ibict.br/liinc>>. Acesso em: 04 abr. 2013.
- ALMEIDA, Daniela Pereira dos Reis de et al. Paradigmas contemporâneos da Ciência da Informação: a recuperação da informação como ponto focal. **Revista Eletrônica Informação e Cognição**, v.6, n.1, p.16-27, 2007.
- ALVARENGA, Lídia. Representação do conhecimento na perspectiva da Ciência da Informação em tempo e espaço digitais. **Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, n.15, 1ºsem. 2003.
- _____. A teoria do conceito revisitada em conexão com ontologias e metadados no contexto das bibliotecas tradicionais e digitais. **DataGramZero - Revista de Ciência da Informação**, v.2, n.6, dez. 2001.
- ANDRADE, Érico. **O sujeito do conhecimento**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012. 80p. (Filosofias: O prazer do pensar, 15).
- ARAGÃO, José. **História da Vitória de Santo Antão (1843-1982)**. Recife: Centro de Estudos de História Municipal, 1983. 384p.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724**: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2011.
- AUMONT, Jacques. **A imagem**. Tradução Estela dos Santos Abreu, Cláudio César Santoro. 13.ed. Campinas, SP: Papirus, 2008. 317p. (Coleção Ofício de Arte e Forma).
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011. 279p.
- BARRETO, Aldo de Albuquerque. Os agregados de informação – Memórias, esquecimento e estoques de informação. **DataGramZero – Revista de Ciência da Informação**, v.1, n.3, jun. 2000. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/jun00/F_I_art.htm>. Acesso em: 12 set. 2013.

_____. A condição da informação. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.16, n.3, p.67-74, 2002.

_____. Uma história da ciência da informação. In: TOUTAIN, Lídia Maria Batista Brandão (Org.). **Para entender a Ciência da Informação**. Salvador: EDUFBA, 2007. 242p. il. (Coleção Sala de Aula, v.6). p.13-34. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/145/1/Para%20entender%20a%20ciencia%20da%20informacao.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2011.

_____. A questão da informação. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.8, n.4, p.3-8, out./dez. 1994. Disponível em: <http://www.seade.gov.br/produtos/spp/v08n04/v08n04_01.pdf>. Acesso em: 01 maio 2013.

BATISTA Jr., Natalício. Fotografia e Memória: contra a ação do tempo, a foto fortalece a tradição das técnicas de memorização. **Revista Belas Artes**, v.1, n.1, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.belasartes.br/revistabelasartes/downloads/artigos/1/revista-ba-foto-memoria.pdf>>. Acesso em: 04 jan. 2011.

BAURET, Gabriel. **A fotografia: história, estilos, tendências, aplicações**. Lisboa: Edições 70, 2010. 132p.

BENJAMIM, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre Literatura e História da Cultura**. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 253p. p.197-221. (Obras Escolhidas, v.1).

BERNARDES, Denis Antônio de Mendonça; PEREIRA, Juliana Melo. Quando a cidade era universitária: a geografia da Univer-cidade do Recife antes da construção do campus da UFPE. **Estudos Universitários: revista de cultura**, Recife, v.27, n.8, p.17-25, ago. 2011.

BOCCATO, Vera Regina Casari; FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. Discutindo a análise documental de fotografias: uma síntese bibliográfica. **Cadernos BAD**, v.2, p.84-100, 2006.

BRASCHER, Marisa; CAFÉ, Lígia. Organização da Informação ou Organização do Conhecimento? In: ENANCIB, 9., 2008, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: [s.n.], 2009. Disponível em: <<http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/bitstream/handle/123456789/809/17.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 12 jun. 2013.

BRASIL. Decreto-Lei nº 9.388, de 20 de Junho de 1946. Cria a Universidade do Recife e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 28 jun. 1946. Seção 1, p.9615. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-9388-20-junho-1946-417645-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 01 out. 2014.

BRIENEN, Rebecca Parker. **Albert Eckhout: visões do paraíso selvagem: obra completa.** Tradução Julio Bandeira. Rio de Janeiro: Capivara, 2010. 432p. il.

BUCCHERONI, Claudia; PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. A imagem fotográfica como documento: desideratos de Otlet. In: ENANCIB, 10., 2009, João Pessoa. **Anais eletrônicos...** João Pessoa: [s.n.], 2009. p.127-142.

BUCKLAND, Michael Keeble. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science (JASIS)**, v.45, n.5, p.351-360, 1991.

BUZZI, Arcângelo R. **Introdução ao pensar.** 7.ed. rev. ampl. Petrópolis: Vozes, 1978. 206p.

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n.1, p.148-207, jan./abr. 2007.

CARDOSO, Ana Maria Pereira. Retomando possibilidades conceituais: uma contribuição à sistematização do campo da informação social. **R. Esc. Biblioteconomia UFMG**, Belo Horizonte, v.23, n.2, p.107-114, jul./dez. 1994.

CARLAN, Eliana; MEDEIROS, Marisa Bräscher Basílio. Sistemas de Organização do Conhecimento na visão da Ciência da Informação. **RICI: R.Ibero-amer. Ci. Inf.**, Brasília, v.4, n.2, p.53-73, ago./dez. 2011.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia.** 13.ed. São Paulo: Ática, 2009. 424p. il.

CINTRA, Maria Marques et al. **Para entender as linguagens documentárias.** 2.ed. rev. ampl. São Paulo: Polis, 2002. 92p.

CUNHA, Máгда Rodrigues da. A memória na era da reconexão e do esquecimento. **Em Questão**, Porto Alegre, v.17, n.2, p.103-117, jul./dez. 2011.

CUNHA, Maria Isabel da. Conta-me agora!: as narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v.23, n.1-2, jan./dez. 1997.

DAHLBERG, Ingetraut. Teoria do conceito. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v.7, n.2, p.101-107, 1978.

DODEBEI, Vera Lúcia Doyle. **O sentido e o significado de documento para a memória social.** 1997. 185f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Rio de Janeiro, 1997.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia.** Rio de Janeiro: Relume Dumará: Sinergia, 2009. 79p. (Conexões, 14).

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. A identificação de conceitos no processo de análise de assunto para indexação. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v.1, n.1, p.60-90, jul./dez. 2003.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes; RUBI, Milena Polsinelli; BOCCATO, Vera Regina Casari. As diferentes perspectivas teóricas e metodológicas sobre indexação e catalogação de assuntos. In: FUJITA, Mariângela Spotti Lopes (Org.) *et al.* **A indexação de livros: a percepção de catalogadores e usuários de bibliotecas universitárias. Um estudo de observação do contexto sociocognitivo com protocolos verbais** [online]. São Paulo: Editora UNESP: Cultura Acadêmica, 2009. 149p. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/wcvbc>>. Acesso em: 17 mar. 2013.

GARDNER, Howard. **Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. 340p.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008. 200p.

GNOLI, Claudio. Metadata about what?: distinguishing between ontic, epistemic, and documental dimensions in Knowledge Organization. **Knowledge Organization**, v.39, n.4, p.268-275, 2012.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2.ed. 6. reimpr. São Paulo: Centauro, 2012.

HJORLAND, B. Concepts, paradigms and knowledge organization. In: GNOLI, C.; MAZZOCCHI, F. (Ed.). **Paradigms and conceptual systems in knowledge organization**. Rome: Ergon, 2010. p.38-42. (Advances in Knowledge Organization, v.12).

HOLANDA, Lourival. Memória: multiplicidade e permanência. **IRIS**, Recife, v.1, n.1, p.17-25, jul./dez. 2012.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2.ed. rev. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2001. 163p.

_____. **Hercule Florence: a descoberta isolada da fotografia no Brasil**. 3.ed. rev. ampl. São Paulo: EDUSP, 2006. 407p. il.

_____. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. 2.ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007. 174p. il.

LANGDON, Ester Jean. A fixação da narrativa: do mito para a poética de literatura oral. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v.5, n.12, p.13-36, dez. 1999.

LARA, Marilda Lopes Ginez de. A construção da informação no universo da linguagem na contemporaneidade. In: _____; FUJINO, Asa; NORONHA, Daisy Pires (Orgs.). **Informação e contemporaneidade: perspectivas**. Recife: Néctar, 2007. 318p. Disponível em: <http://issuu.com/galyndo/docs/informa__o_e_contemporaneidade__perspectivas>. Acesso em: 28 mar. 2011.

LE COADIC, Yves-François. **A Ciência da Informação**. Tradução de Maria Yêda F. S. de Filgueiras Gomes. 2.ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004. 124p.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: _____. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008. 541p. p.419-476.

LINGUAGEM. In: ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5.ed. rev. ampl. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 1014p. p.615-624.

LIMA, Ivan. **A fotografia é a sua linguagem**. 2.ed. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988. 120p. il. (Coleção Antes, Aqui e Além).

LOVISOLO, Hugo. A memória e a formação dos homens. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.16-28, 1989.

MACHADO, Arlindo. A fotografia como expressão do conceito. **Studium**, Campinas, n.2, outono 2000. Disponível em: <<http://www.studium.iar.unicamp.br/doi/1.htm>>. Acesso em: 26 maio 2014.

MANINI, Miriam Paula. **Análise documentária de fotografias**: um referencial de leitura de imagens fotográficas para fins documentários. 2002. 226f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, Departamento de Biblioteconomia e Documentação, São Paulo, 2002.

_____. Aspectos informacionais do tratamento de documentos fotográficos tradicionais e digitais. In: FREIRE, Gustavo Henrique de Araújo (Org.). **E-Book do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**. João Pessoa: Ideia: Editora Universitária, 2009. 1 Cd-rom.

MARCONDES, Carlos Henrique. **Linguagem e documento**: fundamentos evolutivos e culturais da Ciência da Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.15, n.2, p 2-21, maio./ago. 2010.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2011. 277p.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. 3.ed. rev. atual. São Paulo: Ática, 2001. 519p. il.

MEMÓRIA. In: ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5.ed. rev. ampl. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 1014p. p.657-659.

MÉNARD, Elaine; SMITHGLASS, Margaret. Digital image description: a review of best practices in cultural institutions. **Library Hi Tech**, v.30, n.2, p.291-309, 2012.

MONTEIRO, Silvana Drumond; CARELLI, Ana Esmeralda; PICKLER, Maria Elisa Valentin. A Ciência da Informação, Memória e Esquecimento. **DataGramZero – Revista de Ciência da Informação**, v.9, n.6, dez. 2008. Disponível em: <http://www.datagramazero.org.br/dez08/Art_02.htm>. Acesso em: 29 jul. 2014.

MONTEIRO, Silvana Drumond; GIRALDES, Maria Júlia Carneiro. Aspectos lógico-filosóficos da organização do conhecimento na esfera da ciência da informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v.18, n.3, p.13-27, set./dez. 2008.

MORAN, José Manuel. Influência dos meios de comunicação no conhecimento. **Ciência da Informação**, v.23, p.233-238, maio/ago. 1994.

MOREIRO GONZÁLEZ, José Antonio; ROBLEDANO ARILLO, Jesús. **O conteúdo da imagem**. Tradução de Leilah Santiago Bufrem. Curitiba: Ed. da UFPR, 2003. 134p. il.

MORENO, Nadina A.; LOPES, Maria Aparecida; DI CHIARA, Ivone Guerreiro. A contribuição da preservação de documentos e a (re) construção da memória. **Biblionline**, João Pessoa, v. 7, n. 2, p. 3-11, 2011.

MOURA, Edgar. **50 anos: luz, câmera e ação**. 4.ed. São Paulo: Editora Senac, 2009. 444p.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução Yara Aun Khoury. **Proj. História**, São Paulo, n.10, p.7-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, Eliane Braga de; RODRIGUES, Georgete Medleg. O conceito de memória na Ciência da Informação: análise das teses e dissertações dos programas de pós-graduação no Brasil. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.7, n.1, p.311-328, mar. 2011.

_____. As concepções de memória na ciência da informação no Brasil: estudo preliminar sobre a ocorrência do tema na produção científica. **PontodeAcesso**, Salvador, v.3, n.3, p.216-239, dez. 2009. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/3613/2745>>. Acesso em: 21 jul. 2014.

ORTEGA, Cristina Dotta; LARA, Marilda Lopes Ginez de. A noção de documento: de Otlet aos dias de hoje. **DataGramZero – Revista de Ciência da Informação**, v.11, n.2, abr. 2010. Disponível em: <http://dgz.org.br/abr10/Art_03.htm>. Acesso em: 26 maio 2013.

PATO, Paulo Roberto Gomes. Imagens: polissemia *versus* indexação e recuperação da informação. In: MANINI, Miriam Paula; MARQUES, Otacílio Guedes; MUNIZ, Nancy Campos (Orgs.). **Imagem, Memória e Informação**. Brasília: Ícone, 2010. 199p. cap.7: p.147-166.

PAVÃO, Luís. **Conservação de Coleções de Fotografia**. Lisboa: Dinalivro, 1997. 356p.

PERES, Rafaella Lopes Pereira. Todos os sentidos em uma fotografia: a imagem como narrativa ficcional. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 13., 2008, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2008. Disponível em: <

http://www.intercom.org.br/congresso/regionais/2008/sudeste/intercomsudeste_inovom.shtml>. Acesso em: 18 dez. 2008.

PIGNATARI, Décio. **Informação, Linguagem, Comunicação**. 3.ed. São Paulo: Ateliê, 2008. 155p.

PINHEIRO, Lêna Vânia Ribeiro. Processo evolutivo e tendências contemporâneas da Ciência da Informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v.15, n.1, p.13-48, jan./jun. 2005.

PINHO, Fábio Assis. **Fundamentos da organização e representação do conhecimento**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009. 156p.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p.200-212, 1992.

POMIAN, Krzystof. Memória. In: ENCICLOPEDIA Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000. v.42, p.507-516. (Sistemática).

RABELLO, Rodrigo. A dimensão categórica do documento na Ciência da Informação. **Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, v.16, n.31, p.131-156, 2011.

RAHDE, Maria Beatriz Furtado. Comunicação visual e imaginários culturais iconográficos do contemporâneo. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, v.5, abr. 2006. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/62/62>>. Acesso em: 28 nov. 2008.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3.ed. rev. ampl. São Paulo: Atlas, 2012. 334p. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/226198537/01-Richardson-Pesquisa-Social-MCtodos-e-TCcnicas-pdf-PdfCompressor-643562>>. Acesso em: 21 jan. 2015.

ROBREDO, Jaime. **Da Ciência da Informação revisitada aos Sistemas Humanos de Informação**. Brasília: Thesaurus; SSRR Informações, 2003. 245p.

RODRIGUES, Ricardo Crisafulli. Análise e tematização da imagem fotográfica. **Ciência da Informação**, v.36, n.3, p.67-76, set./dez. 2007.

RONNA, Giovanna Nogueira. A narrativa inscrita em luz. In: SARAIVA, Juracy Assmann (Org.). **Narrativas verbais e visuais: leituras refletidas**. São Leopoldo, RS: Editora UNISINOS, 2003. 223p. p.173-191.

ROSARIO, Cláudia Cerqueira do. O lugar mítico da memória. **Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, v.1, n.1, 2002. Disponível em: <<http://proap.unirio.br/index.php/morpheus/article/view/4011/3579>>. Acesso em: 27 dez. 2014.

SAMAIN, Etienne (Org.). **O fotográfico**. 2.ed. São Paulo: Hucitec: Editora Senac, 2005. 349p. il.

SANTAELLA, Lúcia; NÖTH, Winfried. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras, 2010. 222p.

SANTOS, Paola De Marco Lopes dos. **O ponto de inflexão Otlet: uma visão sobre as origens da Documentação e o processo de construção do Princípio Monográfico**. 2006. 138f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, São Paulo, 2006.

SANTOS, Vania; JESUS, Rodrigo Prado de. **Curso DSpace: desenvolvimento e administração de repositórios digitais**. São Paulo, 2013. 22 slides, color. Disponível em: < <http://pt.slideshare.net/royopa1/mdulo-06-introduo-a-metadados-no-dspace>>. Acesso em: 26 jan. 2015.

SILVA, Cássia Maria Mello da. Imagem x Palavra: questões da recuperação da informação imagética. In: PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro; GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide (Orgs.). **Interdiscursos da Ciência da Informação: arte, museu e imagem**. Brasília: IBICT/DEP, 2000. 227p. Parte 3: Imagem, p.151-171. Disponível em: <<http://livroaberto.ibict.br/handle/1/784>>. Acesso em: 01 maio 2013.

SMIT, Johanna W. A representação da imagem. **INFORMARE – Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v.2, n.2, p.28-36, jul./dez. 1996.

TACCA, Fernando de. Imagem fotográfica: aparelho, representação e significação. **Psicologia & Sociedade**, v.17, n.3, p.9-17, set./dez. 2005.

TEIXEIRA, Evandro. **1968 destinos 2008: passeata dos cem mil**. Rio de Janeiro: Editora Textual, 2008. 120p.

THIESEN, Icléia. **Memória Institucional**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.310p.

TORBAN, Daniel; FUSCO, Wilson. Interiorização do ensino público em Pernambuco e seu efeito na dinâmica migratória. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 18., 2012, Águas de Lindóia/SP. **Anais eletrônicos...** São Paulo: ABEP, 2012. Disponível em: < [http://www.abep.nepo.unicamp.br/xviii/anais/files/POSTER\[483\]ABEP2012.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/xviii/anais/files/POSTER[483]ABEP2012.pdf) >. Acesso em: 15 jul. 2014.

TOURAINÉ, Alain. **Um novo paradigma: para compreender o mundo de hoje**. Tradução de Gentil Avelino Tilton. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2007. 261p.

TOUTAIN, Lúcia Maria Batista Brandão. Representação da informação visual segundo a ontologia e a semiótica. In: _____ (Org.). **Para entender a Ciência da Informação**. Salvador: EDUFBA, 2007. 242p. il. (Coleção Sala de Aula, v.6). p.91-101. Disponível em:

<<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/145/1/Para%20entender%20a%20ciencia%20da%20informacao.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2011.

TURAZZI, Maria Inez. Quadros de história pátria: fotografia e cultura histórica oitocentista. In: FABRIS, Annateresa; KERN, Maria Lúcia Bastos (Orgs.). **Imagem e conhecimento**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.369p. il. p.228-253. (Texto e Arte, 17).

UNIVERSIDADE. In: DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa. Lisboa: Priberam Informática, 2013. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/DLPO/universidade>>. Acesso em: 8 set. 2014.

VALENTIM, Marta L. P. Assumindo um Novo Paradigma na Biblioteconomia. **Informação & Informação**, Londrina, v.0, n.0, p.2-6, jul./dez. 1995.

WANDERLEY, Luiz Eduardo Waldemarin. **O que é Universidade**. 9.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 83p. (Coleção Primeiros Passos, 91).

WANDERLEY, Luiz Eduardo Waldemarin. **O que é Universidade**. 9.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 83p. (Coleção Primeiros Passos, 91).

YATES, Frances A. **A arte da memória**. Tradução Flavia Bancher. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007. 498p.

ZEMAN, Jirí. Significado filosófico da noção de informação. In: O CONCEITO de informação na ciência contemporânea. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970. 221p. p.154-168.

GLOSSÁRIO

Dublin Core – é um esquema de metadados que visa descrever objetos digitais, tais como, vídeos, sons, imagens, textos e sites na web. O *Dublin Core* consiste de 15 elementos, conforme se verifica na Figura 11:

Figura 11 – Elementos do *Dublin Core*



Nome	Descrição
1 - Title: Título	Nome dado ao recurso: em geral é atribuído um nome pelo qual o recurso é conhecido
2 - Creator: Criador	Pessoa ou organização responsável pelo conteúdo intelectual do recurso
3 - Subject: Assunto	Assunto do recurso atribuído por meio de palavras-chave
4 - Description: Descrição	Descrição do conteúdo do recurso: resumo, sumários, tabelas de conteúdos
5 - Publisher: Editor	Entidade ou pessoa responsável pela publicação do recurso
6 - Contributor: Colaborador	Pessoa ou instituição que colabora com o conteúdo do recurso
7 - Date: Data	Em geral a data está associada à criação e disponibilização do recurso
8 - Type: Tipo	Natureza ou gênero do recurso
9 - Format: Formato	Descreve a forma física ou digital na qual o recurso se apresenta. Pode descrever hardware, software, dimensões
10 - Identifier: Identificador	Referência exclusiva do recurso melhor utilizada a partir de sistemas formais de identificação a exemplo de Uniform Resource Identifier (URI), Digital Object Identifier (DOI), International Standard Book Number (ISBN)
11 - Source: Fonte	Referência à fonte da qual o recurso é originado
12 - Language: Idioma	Idioma do conteúdo intelectual do recurso
13 - Relation: Relação	Referência a um recurso relacionado
14 - Coverage: Abrangência	Área de abrangência do conteúdo: espacial (lugares, coordenadas); temporal (período, datas, intervalos de tempo); jurisdicional (nome de uma entidade administrativa)
15 - Rights: Direitos	Informação sobre direitos do recurso informacional: patentes, copyright, propriedade intelectual. Se este elemento estiver ausente presume-se que não há direitos sobre o recurso.

Fonte: Santos; Jesus (2013).

MARC21 - O formato MARC é um conjunto de códigos e designações de conteúdos definido para codificar registros que serão interpretados por máquina. Sua principal finalidade é possibilitar o intercâmbio de dados, ou seja, importar dados de

diferentes instituições ou exportar dados de sua instituição para outros sistemas ou redes de bibliotecas através de programas de computador desenvolvidos especificamente para isto.

Um registro MARC é composto por três elementos: estrutura, indicação do conteúdo e conteúdo propriamente dito. A estrutura do registro é uma implementação dos padrões internacionais ANSI Z39.2 e ISO 2709. As indicações de conteúdo são códigos e convenções estabelecidos para identificar e caracterizar os dados dentro do registro e permitir sua manipulação. Os conteúdos dos dados que compõe um registro MARC geralmente são definidos por padrões externos ao formato, como: International Standard Bibliographic Description (ISBD), Anglo-American Cataloguing Rules (AACR2), Library of Congress Subject Headings (LCSH) ou outros códigos usados pela instituição criadora do registro. O formato MARC 21 para dados bibliográficos inclui informação sobre material textual impresso ou manuscrito, arquivo de computador, mapas, música, recurso contínuo, material visual e material misto; os dados bibliográficos normalmente incluem título, nome, assunto, nota, dado de publicação e descrição física²¹.

Pergamum - é um Sistema que contempla as principais funções de uma Biblioteca, funcionando de forma integrada, com o objetivo de facilitar a gestão dos centros de informação, melhorando a rotina diária com os seus usuários. No que tange ao processamento técnico o Sistema:

- Permite catalogar de acordo com as regras do Anglo American Cataloguing Rules (AACR2);
- Entrada de dados on-line;
- Formato MARC 21 dos registros bibliográficos para exportação e importação;
- Formato MARC 21 dos registros internos;
- Importação de dados de centros de catalogação cooperativa on-line e CD-ROM via formato ISO-2709;
- Exportação de dados no formato ISO-2709, para intercâmbio de registros bibliográficos;

²¹ Disponível em: <http://www.dbd.puc-rio.br/MARC21/conteudo.html>

- Geração de vários modelos de etiquetas: Códigos de barras, lombadas, Aquisição, etc;
- Inclusão de novos exemplares de um mesmo título;
- Manutenção controle de autoridade (Nomes, Assuntos e Títulos);
- Cópia de registro facilitando o cadastro de materiais com edições diferentes;
- Construção automática de lista de autoridades a partir dos registros incluídos;
- Realiza o gerenciamento, armazenamento e recuperação de imagens, som e textos digitalizados;
- Correção dos registros associados a um autor ou assunto mediante alteração na lista de autoridades;
- Consulta ao cadastro de autoridades, lista de editoras e lista de siglas durante o cadastramento de um registro;
- Controle de periódicos com Kardex e indexação de artigos;
- Controle de aquisição interligado com o processo de catalogação²².

²² Disponível em:

http://www.pergamum.pucpr.br/redepergamum/pergamum_caracteristicas_tecnicas.php?flag=CollapsiblePanel1&ind=2

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Eu, ROSEANE SOUZA DE MENDONÇA, Mestranda, Bibliotecária e Fotógrafa, responsável pela pesquisa “**A ORGANIZAÇÃO DOCUMENTAL DAS FOTOGRAFIAS DO CAV-UFPE E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A MEMÓRIA INSTITUCIONAL**”, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI), pertencente à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), sob a orientação do Prof.º Dr. Fábio Assis Pinho, estou convidando-o a participar como voluntário deste estudo.

Esta pesquisa pretende de modo pioneiro no Sistema de Bibliotecas (SIB) da UFPE a organização de um acervo fotográfico com o intuito de construir a Memória Institucional. Acreditamos que o processo de interiorização do ensino público federal tem possibilitado a dinamização do ensino nas cidades interioranas do Estado de Pernambuco, além de ganhos nos setores econômico, social e cultural. A celeridade nas transformações advindas desses ganhos impõe urgência no acompanhamento e resgate da história e a construção da Memória Institucional é a forma de acompanhar a evolução e socializar a história do CAV, respondendo à sociedade o investimento aplicado.

Para participar é preciso enviar para o e-mail cavprojetomemoria@gmail.com até 3 (três) imagens digitais (no caso de um mesmo acontecimento) ou quantas quiser sobre atividades e eventos realizados no CAV. Podem ser enviadas fotos do espaço físico (com reformas e acréscimos), das atividades dos projetos de extensão, aulas de campo, aula magna, ações das residências, reuniões, atos comemorativos, atividades artísticas, visitas importantes, simpósios, oficinas, exposições, viagens didáticas etc., que possam contribuir para a construção da memória nos oito anos de existência do Centro.

As fotografias devem obedecer aos seguintes critérios:

- ✚ Ser de autoria do emitente, onde o mesmo assume inteira responsabilidade;
- ✚ Estar no formato JPG ou JPEG em arquivo de, no máximo, 10 megabytes;
- ✚ Ter resolução mínima de 300 DPI;
- ✚ Conter informações técnicas sobre a imagem digital (data, local, tipo de aparelho e lente utilizada para a produção; pode ser o EXIF);

- ✚ Ser acompanhada de texto explicativo sobre a imagem, com no máximo 600 caracteres.

Durante todo o período da pesquisa você tem o direito de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento.

Nome: ROSEANE SOUZA DE MENDONÇA

E-mail: roseane.photo@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1678619170477042>

ANEXO A – Escritura Pública de Doação – Campus II

 República Federativa do Brasil		
1º Serviço Notarial e Registral José Borba		
Tabelionato, Registro Geral de Imóveis, Títulos e Documentos e Pessoa Jurídica Rua Melo Verçosa, nº 150 - Centro - Vitória de Santo Antão - PE Fone/Fax: (81)3523-0074 - cartoriojoseborba@hotmail.com CNPJ: 11.512.563/0001-85		
		
TACIANA BORBA DE LEMOS E SILVA TABELIÃ E OFICIAL		
DIEGO BORBA DE LEMOS E SILVA SUBSTITUTO		
Livro: 327-E	Folha: 81/83	Traslado: 1
ESCRITURA PÚBLICA DE DOAÇÃO que faz o Município da Vitória de Santo Antão em favor da Universidade Federal de Pernambuco, protocolada sob o nº 3375, na forma a seguir declarada:		
<p>SAIBAM quantos esta pública escritura de doação, subscrita pelo Notário, 06 de novembro de 2014, neste Serviço Notarial do 1º Ofício, situado à Rua Melo Verçosa, nº 150, nesta cidade da Vitória de Santo Antão, Estado de Pernambuco, perante mim Escrevente compareceram as partes entre si, justas e contratadas, a saber: de um lado, como outorgante doador: Município da Vitória de Santo Antão, Estado de Pernambuco, pessoa jurídica de direito público interno, com sede e foro nesta cidade, na Rua Demócrito Cavalcanti, nº 144, no bairro do Livramento, na cidade de Vitória de Santo Antão, no Estado de Pernambuco, inscrita no Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica - CNPJ/MF sob nº 11.049.855/0001-23, <u>representado neste ato por seu Prefeito, Sr. Elias Alves de Lira, brasileiro, casado, comerciante, portador da Cédula de Identidade nº 581.046-SSP/PE e inscrito no CPF/MF sob o nº 004.551.564-68, residente e domiciliado na Rua Dr. Oswaldo da Cruz Gouveia, nº 39, no bairro da Matriz, na cidade de Vitória de Santo Antão, no Estado de Pernambuco, em pleno exercício de seu cargo; eleito e em pleno exercício de seu cargo, devidamente autorizado pela Lei Municipal nº 3.619/2011, abaixo transcrita, doravante designado simplesmente "DOADOR", e, de outro lado, como outorgada donatária, Universidade Federal de Pernambuco, cadastrada no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica - CNPJ - sob o nº 24.134.488/0001-08, com sede na Av. Prof. Moraes Rego, 1235, Cidade Universitária, Recife/PE, CEP: 50.670-420, neste ato representada pelo <u>Sr. Joaquim Raimundo Alves de Carvalho, SIAPE 1285294, OAB/PE nº 17406, inscrito no CPF/MF sob o nº 461.355.294-04, portador da Cédula de Identidade nº 3039938-SSP/PE, Procurador-Geral da Universidade Federal de Pernambuco, lotado no Gabinete do Reitor, conforme Portaria nº 4479 de 18/09/2014, assinada pelo Vice-Reitor Substituto, Edmilson Santos de Lima, Universidade Federal de Pernambuco; doravante designada simplesmente "DONATÁRIA"; todos aqui presentes, reconhecidos como os próprios de que trato por meio dos documentos a mim apresentados e conferidos, do que dou fé. E, pelos contratantes, falando cada um de por si, me foi dito que têm ajustado o que abaixo se declara, regendo-se os atos aqui dispostos nos termos da legislação vigente e dos itens e</u></u></p>		

subitens a seguir relacionados: 1. - **DO IMÓVEL DE TITULARIDADE DO MUNICÍPIO DA VITÓRIA DE SANTO ANTÃO, O QUAL SERÁ DOADO À Universidade Federal de Pernambuco.** O DOADOR é senhor e legítimo possuidor do bem imóvel matriculado sob nº 30.040 no único Serviço de Registro de Imóveis desta Comarca, que possui as seguintes características: Gleba "17A4-A" - Constituído da Área Remembrada das Glebas 72 (parte desmembrada da área remanescente da Fazenda Mont Serrat - Engenho Bento Velho) e Gleba 17A4 (constituída do desmembramento da gleba 17ª da Fazenda Cristina), perímetro Urbano, município de Vitória de Santo Antão-PE. Medindo 100.498,68m², limitando-se e confrontando-se da seguinte forma: Limites e confrontações: Norte: do ponto 01 ao ponto 03, limitando-se com área remanescente A2, Gleba 17ª1; Sul, do ponto 04 a 11, limitando-se com gleba 17ª3, Estrada carroçável, área remanescente A1, gleba 45; Leste, do ponto 03 ao 04, limitando-se com a Gleba 17ª e ao Oeste, do ponto 01 ao 11, limitando-se com área remanescente A1 e A2. O marco "P1". Do ponto "01" visando à ré no ponto "11", fazendo-se um ângulo de 120°33'13" percorrendo-se uma distância de 204,87 metros, limitando-se do lado Oeste com a Área Remanescente A2, encontra-se o ponto "01". Do ponto "02", visando à ré no ponto "01", fazendo-se um ângulo de 179°6'35", percorrendo-se uma distância de 101,39m, limitando-se do lado Norte com Área Remanescente A2, encontra-se o ponto "03". Do ponto "03" visando à ré o ponto "02" fazendo-se um ângulo de 90°53'25", percorrendo-se uma distância de 28,58 metros, limitando-se do lado Norte com a Gleba 17A1, encontra-se o ponto 04. Do ponto "04" visando à ré no ponto "03" fazendo-se um ângulo de 89°1'14", percorrendo-se uma distância de 256,66 metros limitando-se do lado Leste com a Gleba 17ª, encontra-se o ponto "05". Do ponto "05", visando à ré no ponto "04", fazendo-se um ângulo de 97°51'8", percorrendo-se uma distância de 238,55 metros, limitando-se do lado Sul com a Gleba 17A3, encontra-se o ponto "06". Do ponto "06", visando à ré no ponto "05", fazendo-se um ângulo de 253°10'13", percorrendo-se uma distância de 23,67 metros limitando-se do lado Sul com Estrada Carroçável, encontra-se o ponto "07". Do ponto "07", visando à ré no ponto "06", fazendo-se um ângulo de 176°52'56", percorrendo-se uma distância de 30,41 metros, limitando-se do lado Sul com Estrada Carroçável, encontrando-se o ponto "08". Do ponto "08", visando à ré no ponto "07", fazendo-se um ângulo de 179°41'34", percorrendo-se uma distância de 129,58m, limitando-se do lado Sul com Área Remanescente A1, encontra-se o ponto "09". Do ponto "09", visando à ré no ponto "08", fazendo-se um ângulo de 180°15'20", percorrendo-se uma distância de 24,56 metros, limitando-se do lado Sul com a Gleba 45, encontrando-se o ponto "10". Do ponto "10", visando à ré no ponto "09", fazendo-se um ângulo de 180°00'00", percorrendo-se uma distância de 25,00 metros, limitando-se do lado Sul, com a Gleba 45, encontra-se o ponto "11". Do ponto "11", visando à ré no ponto "10", fazendo-se um ângulo de 73°34'22", percorrendo-se uma distância de 30,07 metros, limitando-se do lado Sul, com Gleba 45, encontra-se o ponto "01". Ponto de partida desta descrição. Perfazendo-se desta forma, uma área de 100.498,68m².

2. - **SUMA DO HISTÓRICO DO TÍTULO AQUISITIVO:** O DOADOR - originariamente - adquiriu dito imóvel por Matrícula nº 29.685, Ficha 001 livro 02, de 03/09/2012, no Serviço Registral de Imóveis da comarca de Vitória de Santo Antão-PE, e Matrícula nº



República Federativa do Brasil

1º Serviço Notarial e Registral José Borba

Tabelionato, Registro Geral de Imóveis, Títulos e Documentos e Pessoa Jurídica
Rua Melo Verçosa, nº 150 - Centro - Vitória de Santo Antão - PE
Fone/Fax: (81)3523-0074 - cartoriojoseborba@hotmail.com
CNPJ: 11.512.563/0001-85



TACIANA BORBA DE LEMOS E SILVA
TABELIÃ E OFICIAL
DIEGO BORBA DE LEMOS E SILVA
SUBSTITUTO

Livro: 327-E

Folha: 81/83

Traslado: 1

29.101, Ficha 001 do Livro "2"; Ato de Remembramento nº 14, expedido pela Secretaria de Planejamento e Orçamento da Prefeitura de Vitória de Santo Antão-PE, devidamente autorizado pelo Sr. Secretário, José Barbosa da Silva Filho, port. 016/2009, em 13/08/2014, ato este, devidamente averbado sob as matrículas nºs 29.685 e 29.101, ambas Ficha 001 do Livro "2", em 12/09/20014, e Av1-30040, ficha 001 do livro 2, em 12/09/2014, no RGI desta comarca; 3. - **DA AUTORIZAÇÃO LEGISLATIVA:** Conforme Lei Municipal nº 3.857/2013, abaixo transcrita, o **DOADOR** foi autorizado a **DOAR** o imóvel objeto da sobredita origem tabular (matrícula nº 30040), para a **DONATÁRIA, Universidade Federal de Pernambuco.** 4. - **DA TRANSMISSÃO DE DOMÍNIO POR ATO DE LIBERALIDADE DO MUNICÍPIO DA VITÓRIA DE SANTO ANTÃO:** O **DOADOR**, ora titular do domínio derivado do ato expropriatório acima relatado, declara possuir o imóvel especializado no **ITEM 3, supra**, livre de ônus, embaraços ou gravames de quaisquer espécies, sejam: dúvidas, dívidas, inclusive fiscais e previdenciárias, hipotecas legais, judiciais ou convencionais, vínculos, tombamentos, preempção, retrocessão, penhoras, arrestos, sequestros e de quaisquer outras medidas judiciais, inclusive ações reipersecutórias, ações expropriatórias ou declarações de utilidade pública para fins de desapropriação, assim como posseiros e quaisquer intrusos, seja a que título for, e por esta escritura e regular forma de direito transmite, por doação, à **DONATÁRIA, Universidade Federal de Pernambuco**, toda a posse, jus, domínio, direitos e ações que exercia sobre aquele bem imóvel, para que dele a **DONATÁRIA** use, goze e disponha livremente, obrigando-se o **DOADOR** a fazer esta doação sempre boa, firme e valiosa, respondendo pela evicção e autoria, na forma da lei. 4.1 - Para efeitos meramente fiscais atribuem-se ao imóvel doado o valor de **R\$ 100.498,68 (cem mil, quatrocentos e noventa e oito reais e sessenta e oito centavos).** 5. - **DAS DISPOSIÇÕES FINAIS:** 5.1- Para os fins e efeitos do disposto no Decreto Federal nº 93.240, de 09 de setembro de 1986, que regulamentou a Lei Federal nº 7.433, de 18 de dezembro de 1985, a empresa adquirente, **Universidade Federal de Pernambuco**, por seu representante legal, declara que aceita esta escritura em todos os seus expressos termos; 5.2 - O **DOADOR** apresentou, em seu nome, a) Certidão positiva com efeitos de negativa de débitos relativos à contribuições previdenciárias e às de terceiros - nº 218922014-88888488, emitida em data de 21/08/2014 e válida até o dia 17/02/2015, para as finalidades

previstas na Lei nº 8.212, de 24 de julho de 1991, e suas alterações, bem como as da Lei nº 8.870, de 15 de abril de 1994, extraída via internet na página do Ministério da Previdência Social <<http://www.previdenciasocial.gov.br>>, onde foi confirmada a sua autenticidade; e **b)** Certidão conjunta positiva com efeitos de negativa de débitos relativos aos tributos federais e à dívida ativa da União - código de controle da certidão: 2555.CD33.78E3.B296, emitida pela Secretaria da Receita Federal e pela Procuradoria-Geral da Fazenda Nacional no dia 15/10/2014, às 15:16:53hrs e válida até o dia 13/04/2015, extraída via internet no sítio da Secretaria da Receita Federal <<http://www.receita.fazenda.gov.br>>, onde foi confirmada a sua autenticidade; estando, as citadas certidões, arquivadas nesta serventia; **c)** dispensada a apresentação da Certidão Negativa Municipal conforme Lei nº 7433 de 18 de dezembro de 1985, regulamentada pelo Decreto Federal nº 93240, de 09 de setembro de 1986, pois a DONATÁRIA declara sob as penas da Lei que responde pelos débitos do DOADOR em relação aos tributos municipais, inclusive multas e juros moratórios; **5.3 - A DONATÁRIA, Universidade Federal de Pernambuco**, por sua exclusiva conta e responsabilidade e advertido por mim escrevente dos riscos decorrentes, dispensa expressamente a apresentação das certidões de ações e execuções ajuizadas contra o **DOADOR, MUNICÍPIO DA VITÓRIA DE SANTO ANTÃO**, nos termos expressos do art. 298, inciso VII do Código de Normas da Corregedoria Geral da Justiça de Pernambuco e inclusive da Certidão Negativa de Débitos Trabalhistas - CNDT, conforme Recomendação nº 03/2012 do Conselho Nacional de Justiça - CNJ, tendo este último, através de seu representante legal, declarado, que inexistente, contra si, quaisquer ações reais ou pessoais reipersecutórias, em que grave o imóvel objeto deste instrumento; **5.4 - demonstrando**, de forma incontestável, a inexistência de qualquer ônus ou circunstâncias que possam, ainda que em tese, comprometer ou pôr em risco a validade, a segurança jurídica ou a eficácia desta doação. **5.5 - O Oficial Delegado do Registro Imobiliário**, no âmbito de sua competência, fica autorizado a promover todos os atos necessários à qualificação deste instrumento, por mais especiais que sejam. **5.6 - Oportunamente**, será emitida a Declaração de Operação Imobiliária (DOI), na forma prevista na Instrução Normativa (473/2004) da Receita Federal do Brasil. **5.7 - As partes contratantes responsabilizam-se** pela autenticidade das declarações que consubstanciam condições prévias à assinatura desta escritura, dentre as quais a autenticidade das indicações sobre estado civil, nacionalidade, profissão, endereço e identificação; A pedido das partes lavrei esta escritura, a qual feita e lhes sendo lida, acharam-na conforme, outorgaram, aceitaram e assinam. Pelas partes contratantes, me foram apresentadas e neste Serviço Notarial ficam arquivadas as certidões que satisfazem as exigências do parágrafo 2º, art. 1º, da Lei Federal nº 7.433, de 18.12.1985, regulamentada pelo Decreto Federal nº 93.240, de 09.09.1986. **5.8 - DA ISENÇÃO DO ICD: ISENÇÃO FISCAL**, conforme Lei nº 13.974/2009, atualizada pela Lei 14298/2011, de acordo com o Termo de Não-Incidência nº 25/2014, emitido em 08/10/2014, assinado por Sandra Branco, Gerente de Segmento Econômico - ICD. Governo do Estado de Pernambuco - Secretaria da Fazenda - Diretoria Geral de Planejamento de Ação Fiscal - DPC - Gerência de Segmento

República Federativa do Brasil

1º Serviço Notarial e Registral José Borba

Tabelionato, Registro Geral de Imóveis, Títulos e Documentos e Pessoa Jurídica
Rua Melo Verçosa, nº 150 - Centro - Vitória de Santo Antão - PE
Fone/Fax: (81)3523-0074 - cartoriojoseborba@hotmail.com
CNPJ: 11.512.563/0001-85

TACIANA BORBA DE LEMOS E SILVA
TABELIÃ E OFICIAL
DIEGO BORBA DE LEMOS E SILVA
SUBSTITUTO

Livro: 327-E

Folha: 81/83

Traslado: 1

Econômico - ICD. 5.9 - DA GRATUIDADE: Ato imune de emolumentos notariais, do Fundo Especial de Registro Civil e da Taxa de Prestação de Serviços Notariais e Registrais do Tribunal de Justiça do Estado de Pernambuco - TSNR, nos termos da Lei nº 12.978/2005; Assim justas, contratadas e convencionadas, me pediram que lhes lavrasse o presente instrumento, o qual depois de lido em voz alta e achado conforme aceitaram, outorgaram e assinam. dou fé. Os Emolumentos - R\$0,00, a T.S.N.R - R\$ 0,00 e o Fundo de Gratuidade - R\$ 0,00; Eu, ROGÉRIO ALVES DA SILVA, Escrevente, o digitei, conferi e assino; dou fé. (a.a.) (Representante) Elias Alves de Lira, (Representante) Joaquim Raimundo Alves de Carvalho SUBSCREVO E ASSINO. Em testemunho (sinal) da verdade. TACIANA BORBA DE LEMOS E SILVA. Tabeliã e Oficial. Está conforme o seu original, ao qual me reporto e dou fé. Válido somente com o Selo de Autenticidade e Fiscalização ACR048847.

Vitória de Santo Antão, 06 de novembro de 2014.



DIEGO BORBA DE LEMOS E SILVA
SUBSTITUTO

Serviço Notarial e
Registral José Borba
R. Melo Verçosa, 150 - Centro - CEP: 55602-020
Vitória de Santo Antão/PE - Tel.: (81) 3523-0074
cartoriojoseborba@hotmail.com

REGISTRO GERAL DE IMÓVEIS

Protocolo sob nº 53.399, Registrado sob nº R.2-30.040, ficha nº 001 do livro 2; Válido somente com selo de autenticidade e fiscalização nº ACR048911.

Vitória de Santo Antão/PE, 28/11/2014.

Subscrevo e assino..... Dou Fé.



() TACIANA BORBA DE L. SILVA - Oficial em exercício
() JOSÉ ANIBAL DE S. BORBA | () JOSÉ EVERALDO N. DE ARRUDA - Escreventes